

FENÔMENO PSI IFEN

ANO 1 Nº 0

RIO DE JANEIRO

JUNHO / 1997

LUDOTERAPIA



**Aspectos teórico-práticos
na Ludoterapia**

**Técnicas da Gestalt-
Terapia aplicadas à
Ludoterapia**

**Técnicas do Psicodrama
aplicadas à Ludoterapia na
abordagem
Fenomenológico-
Existencial**

**Um estudo de caso:
do psicodiagnóstico à
psicoterapia infantil**



ÍNDICE

Editorial 3

Aspectos teórico-práticos na Ludoterapia 4
Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo

Técnicas da Gestalt-terapia aplicadas à Ludoterapia 12
Myriam Moreira Protasio

**Técnicas do Psicodrama aplicadas à Ludoterapia na abordagem
Fenomenológico-Existencial** 21
Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa

**Um estudo de caso: do psicodiagnóstico à psicoterapia infantil:
Ludoterapia** 30
Claudia Guimarães

EXPEDIENTE

Organização Geral

Myriam Moreira Protasio

Conselho Editorial

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo

Myriam Moreira Protasio

Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa

Colaboradora

Cláudia Guimarães

Jornalista Responsável

Regina Protasio - Mt. 15688

Revisão

Cecília Moreira

Projeto Gráfico

Sergio Laks

Edição Eletrônica

Papel & Tinta Editora

Circulação

IFEN

Rua Conde de Bonfim, 99/603

CEP 20520-050 - Tijuca - RJ

Tel.: (021) 254-4641

Fotolito e impressão

Blue Chip Comunicações Ltda.

Tiragem

500 exemplares

O adulto se revela pela fala, onde o fato de discursar consiste numa atividade lúdica. Homens e mulheres se juntam em grupos e permanecem a conversar por longos períodos de tempo. Ao se observar este fato pode-se concluir que eles revelam satisfação nesta atividade.

As crianças também conversam com outras crianças e com adultos e muitas vezes também revelam prazer nesta atividade. Na maioria das vezes, entretanto, é no brincar que a criança mostra a plenitude de sua satisfação. A partir desta constatação, o profissional deve ter em mente que a proposta psicoterapêutica com a criança deve contar com a atividade na qual este pequeno ser mais autenticamente se revela.

Heidegger afirma que a compreensibilidade do ser se funda no processo escuta e fala. É por acreditar nas proposições deste filósofo que se desenvolve, nesta revista, o tema da psicoterapia infantil onde o processo escuta e fala utiliza como recurso o lúdico.

Brincando, a criança expressa todo o sentido articulado na sua vivência como projeto.

O Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro vem neste ano de 1997 lançar sua primeira revista – “FENÔMENO PSI” – com o tema Ludoterapia.

O conteúdo desenvolvido neste lançamento visa apresentar ao profissional e estudante de psicologia os aspectos teóricos e práticos da atuação do psicólogo com a criança num processo psicoterápico.

Aspectos teórico-práticos na Ludoterapia

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo

Olá Ana Maria,
você é muito legal com eu.
você é a minha superada amiga.
você é o +!!!
Tenho mandando um grande beijo para você
Bonne
Machado
Albino.

Ludoterapia significa a aplicação de procedimentos de psicoterapia através da ação do brincar, mais especificamente, é o processo psicoterapêutico, que lançando mão do brinquedo, vai, através, da brincadeira constituir-se na estratégia utilizada pelo psicoterapeuta, a fim de que se possa rumar no sentido da autenticidade, aspecto este que fundamenta a essência da psicoterapia de base fenomenológico-existencial.

A psicologia dispõe de três métodos básicos, através dos quais se desenrola toda a sua prática. São eles: o comportamental, o psicanalítico e o fenomenológico. Na ludoterapia estes métodos também são aplicados.

No método comportamental, que tem no seu bojo os princípios positivistas, a terapêutica vai ocorrer através da sistema-

tização das contingências de reforço, frente aos comportamentos desadaptados de uma dada criança. A partir de tal sistematização a criança vai reaprender os comportamentos, que se tornarão adaptados.

Na prática psicanalítica o processo terapêutico só ocorrerá de fato com a transferência. Esta constitui a essência do método

psicanalítico, que tem como fundamento a interpretação a partir de seus princípios e axiomas teóricos. A interpretação das vivências da criança e a conseqüente reelaboração das experiências passadas é o objetivo da terapêutica psicanalítica.

Na psicoterapia fenomenológico-existencial, o discurso constitui a essência do processo psicoterápico e ocorre na relação entre duas ou mais linguagens. É nesta relação de intersubjetividade que o psicoterapeuta vai buscar, na vivência conflitiva do cliente a coerência entre as condições do existir. O psicólogo vai percorrer nesta busca através de seu recurso básico de atuação: a linguagem.

É na linguagem que vai ser articulado o processo de psicoterapia. Heidegger afirma que é no discurso que o indivíduo

revela aquilo que ele oculta. Na linguagem, o ser se revela, e aquilo que oculta se dá na estrutura do entendimento e do sentimento. Ainda segundo este filósofo, o estado de queda ou decaimento acontece quando a linguagem, o sentimento e a compreensibilidade apresentam-se desarticulados. Por outro lado, o *dasein* atua no mundo de forma autêntica quando as três condições do existir mostram-se em harmonia.

A diferença na aplicação destes três métodos pode se tornar clara a partir da seguinte exemplificação:

“Num determinado momento, um menino de nove anos que já vinha há algum tempo mostrando comportamentos agressivos na sessão de ludoterapia. Pega um boneco pai, soca-o e depois isola-o do restante dos bonecos, escondendo-o em uma caixa.”

Na concepção behaviorista a atitude deste menino teria sido aprendida e as contingências do meio, provavelmente, reforçaram-na. A estratégia terapêutica consistiria numa reaprendizagem. Psicanaliticamente, provavelmente a revelação da criança seria interpretada a partir de uma teoria de base que se articula numa vivência edípica. No enfoque fenomenológico-existencial todos os valores,

teorias e pressupostos seriam colocados entre parênteses, e desta forma a situação poderá ser compreendida no contexto em que a revelação se evidencie. A terapêutica se daria no sentido de criar condições para que os sentimentos se mostrem, sejam eles de amor, de hostilidade, de culpa ou outros.

Ao processo de escuta e fala, enquanto articulação do sentido, que ocorre no brincar, vai se denominar ludoterapia. A fala no adulto, que por si só muitas vezes é suficiente, na criança, na maioria das vezes mostra-se insuficiente, fazendo-se necessário o recurso do brinquedo para que desta forma o processo psicoterapêutico possa fluir. No lúdico, a criança revela seus sentimentos, suas vivências, enfim seus significados.

MÉTODO FENOMENOLÓGICO E OS PRINCÍPIOS EXISTENCIAIS

A abordagem fenomenológico-existencial lança mão do método fenomenológico utilizando os recursos da *epochè*, redução fenomenológica, captação intuitiva e integração significativa, à luz da filosofia existencial com os princípios de liberdade, responsabilidade, risco, angústia, desespero, morte e autenticidade.

Enquanto método, que pretende se diferenciar do positivismo, a fenomenologia propõe que, em contato com os fenômenos, suspendam-se os juízos, os valores, as teorias, enfim, os princípios teóricos acerca do que apresenta. A esta postura,

frente ao aparente, vai se denominar *epochè*.

Na psicologia com este enfoque, as intervenções do psicoterapeuta vão se fundamentar na redução fenomenológica como a estratégia pela qual o psicólogo vai buscar o sentido do discurso do cliente. É neste aspecto que escuta e fala se articulam, fundando o processo psicoterapêutico.

Ao psicoterapeuta cabe buscar os significados que estão implicados no discurso do cliente; para tanto, ele vai pautar-se nos princípios da captação intuitiva e da integração significativa. Na primeira se dá a percepção apurada a partir da condição de sentir do terapeuta. O sentido é captado, porém não é elaborado no nível reflexivo. Isto vai ocorrer num segundo momento com a integração significativa, quando o conteúdo passado pelo cliente se refletirá na relação entre ambos.

Os princípios existenciais vão possibilitar as reflexões acerca da existência. A liberdade ocupa lugar de destaque nestas reflexões, uma vez que é a partir das possibilidades dadas ao existente que este se torna livre para escolher. Enquanto livre o indivíduo torna-se responsável pela possibilidade escolhida. Ao se tornar responsável, sente-se culpado e angustiado frente às possibilidades abandonadas e às que serão preteridas respectivamente.

Quando a criança chega à sala, o terapeuta se apresenta e pergunta-lhe se sabe o porquê de estar ali. Apresenta-lhe o

espaço de ludo com todas as suas possibilidades: papel para desenhar, lápis de cor, água, areia, barro, tesoura, quadro negro, jogos, livros infantis, fantoches, casa de bonecas, carrinhos, entre outros.

Neste momento, cabe à criança escolher. O princípio a ser trabalhado é o da liberdade. Não se escolhe pelo cliente; é ele quem vai escolher; desta forma vai exercer a sua possibilidade de escolha.

Ele pode dizer: “não sei tia, escolhe qualquer coisa.”

O terapeuta pode responder: “você está dizendo que eu posso escolher por você.”

- É.

- Você está dizendo que não quer escolher.

- Não. Você pode escolher, eu não quero escolher.

- Quando você me manda escolher por você, sou eu quem vou definir a tarefa. Você então se dispõe a fazer o que eu quiser. Então vamos fazer contas de multiplicar.

- Não, mas isso eu não quero.

- Mas você disse que eu poderia escolher.

- Mas multiplicar não.

- Então tá. O que você escolhe?

Se a criança insistir em não escolher, o terapeuta pode continuar escolhendo coisas que a criança provavelmente não gostaria de fazer e então refletiria para ela: “quando a gente não escolhe o que quer, deixa o outro escolher e aí a escolha do outro pode acabar por desagradar”. Nesse caso, trabalhasse a forma como ele constrói o seu ser no mundo: “é sempre

assim com seus coleguinhas, eles escolhem por você?” / “é assim na sua casa?” Exploram-se todas as suas situações de vida. Ao acabar a sessão, pede-se para que ele observe como isso acontece lá fora. Nesta situação foi trabalhada a liberdade de escolha. A responsabilidade também foi vista. Ela escolheu e é responsável pelo que escolhe. Quando escolhe não escolher, continua responsável por não ter escolhido. É responsável por deixar que o outro escolha por ela.

A angústia é o sentimento original que se dá na abertura do ser para o mundo. Frente às possibilidades oferecidas, ao dasein cabe escolher. A opção por uma das possibilidades encerra todas as outras. Isto acontece, por exemplo, quando, faltando poucos minutos para terminar a sessão, a criança ainda deseja realizar muitas tarefas que o tempo não permitiria. A criança deve fazer uma escolha, situação que vem carregada de angústia, uma vez que ela terá que abrir mão de outras possibilidades. Neste momento, o psicoterapeuta deve atuar no sentido de não aliviar a angústia, pois se assim o fizer estará aniquilando a situação de crescimento.

A autenticidade caracteriza-se pelo fluir juntamente as três condições da existência. São elas: sentimento, entendimento e linguagem. O terapeuta atua no sentido de que tais condições se articulem sem conflitos.

Na vivência dialética entre o eterno e o temporal, o terceiro

termo é a existência no tempo, onde a morte é a constante companheira da vida. Neste sentido, o temporal constitui-se num aspecto fundamental no trabalho da psicoterapia. A partir da consciência da co existência morte e vida, o psicoterapeuta atua de forma a trazer as limitações do existir.

RECURSOS METODOLÓGICOS

A ludoterapia constitui-se numa prática da psicologia, portanto vai se articular a partir de um método e de reflexões teóricas. O fazer do psicólogo além de utilizar-se destes instrumentos, vai se dar a partir de alguns recursos metodológicos, tais como: atitudes, intervenções, livros, jogos, fábulas, dinâmicas, entre outros.

Com relação às atitudes, a ética deve ocupar o lugar central. A sua atuação deve ser isenta de seus valores. Não cabe ao terapeuta avaliar uma atitude feia, nem bonita, nem certa ou errada, enfim, ele deve evitar ao máximo uma atitude de julgamento, uma direção quanto ao caminho que a criança deve seguir. Deve estabelecer uma relação com a criança pautada na autenticidade. Evitar, por exemplo, falar com a criança como se estivesse falando com alguém que não compreenda a linguagem comum, provavelmente se pensar desta forma não irá estabelecer uma relação de confiança. O psicólogo brinca com a criança, mas fala a sua própria fala, ao brincar.

Virginia Axline, que adota a teoria de Rogers em sua atuação, descreve em seu livro *Dibs: em busca de si mesmo* algumas intervenções que são classificadas por Rogers como refletora de conteúdo verbal e clarificadora de vivência emocional. A primeira ocorre quando o cliente, ao brincar, revela um significado incongruente e o psicólogo sintetiza o discurso e o devolve. Na segunda, o psicólogo extrai o sentimento que foi explicitado naquela brincadeira e clarifica-o. Alguns psicólogos constroem as suas intervenções de forma afirmativa. Virginia Axline o faz de forma inquisitiva. Cada um vai construir seu próprio estilo e suas modalidades de intervenções, desde que o método fenomenológico seja considerado.

ATITUDES DO PSICÓLOGO NA LUDOTERAPIA

A atuação do psicólogo muitas vezes constitui-se numa arte muito mais do que numa técnica. Este aprendizado ocorre na medida em que há a experiência. Os aprendizes de ludoterapia acabam por passar por momentos difíceis, em que se separar da forma como lidam com o cotidiano para assumir uma postura de psicoterapeuta torna-se uma tarefa árdua. É comum, em psicólogos inexperientes, ocorrerem alguns deslizes, tais como, entrar em competição com a criança que assume no mundo uma postura autoritária, levando o psicólogo a imbuir-se do lema: “vamos ver quem é que manda!”. Agir

desta forma implica em prejuízo do processo. Neste contexto não há lugar para disputa, a relação deve se estruturar como de ajuda. O psicólogo atua como facilitador que junto com a criança cria condições de crescimento num ambiente que lhe permita no brincar a expressão dos seus significados.

No início pode ocorrer que o terapeuta tenha dificuldade em dar limites à criança. Com frequência, a criança opõe-se ao fato de ter que ir embora, ao término das sessões. Os limites têm que ser estabelecidos e trabalhados com a criança.

Outra questão à qual o psicólogo deve estar atento é a curiosidade: psicólogo nenhum deve ser curioso, pois, se assim for, não vai estar atento ao outro, estará atento a si mesmo.

Não se faz necessário insistir nos porquês, hábito bastante frequente nos novatos. Este tipo de questionamento muitas vezes acaba por irritar a criança, que muitas vezes reage dizendo: “tia, pára de perguntar o porquê” ou “você pergunta muito”. O psicólogo deve sempre continuar o processo na linha que a criança conduz. Ao invés de ficar perguntando: “mas por que você disse isso?” ou “mas por que você prefere esse jogo?”, o psicólogo deve ir junto com a criança: “Ah, sim, você escolheu esse jogo”, e deixá-la continuar procedendo sobre o jogo da forma que ela própria escolheu.

O treinamento da *epochè* faz-se necessário para que o psicoterapeuta atue de uma

forma própria que não se confunda com a vivência cotidiana. Através da ação, do brincar, por exemplo, a criança vai expressando toda a sua hostilidade e o terapeuta vai criar um ambiente permissivo para que ela externasse esses sentimentos. Não vai dizer para ela que em pai não se bate. Se a criança, neste contexto, quiser bater no pai, ela o fará. Essa forma de atuar vai diferenciar o psicólogo das pessoas comuns. As pessoas comuns vão dizer: “o que é isso? Seu pai é tão bonzinho para você”, ao psicólogo no entanto caberá a compreensão desta expressão.

A expressão dos sentimentos é muitas vezes ambígua e contraditória. Ora sente culpa, ora se sente ódio. A nós terapeutas cabe remover a culpa para que o sentimento de origem apareça espontaneamente. Com culpa há repressão dos sentimentos. Portanto, alimentar a culpa é terminantemente proibido no processo terapêutico. As intervenções do terapeuta deverão mobilizar os sentimentos de forma que estes apareçam através do brincar, da ação e conseqüentemente pela linguagem. Para tanto faz-se mister que o psicoterapeuta mantenha “as orelhas em pé e os olhos abertos”.

ETAPAS DA LUDOTERAPIA

A ludoterapia se dá em diferentes etapas. O início normalmente ocorre por um contato telefônico. Neste momento, se dá a escolha dos membros da família que irão participar da primeira entrevista.

A participação dos membros da família à primeira entrevista varia de acordo com a metodologia de diferentes psicoterapeutas. Há profissionais que marcam diretamente com a criança. Outros iniciam com toda a família. Há no entanto aqueles que preferem iniciar o trabalho com os pais. Qualquer destes enfoques é válido, desde que o profissional atue de acordo com o seu projeto de trabalho.

ENTREVISTAS COM OS PAIS: ELABORAÇÃO E SISTEMATIZAÇÃO

A estratégia utilizada pela autora tem início com uma entrevista com os pais. Ao falar com os pais por telefone, solicita a sua presença enquanto casal ou pais. Dá início ao trabalho através da presença dos dois. Pode acontecer de comparecer a mãe, só o pai, a família toda, podem dizer ainda que hoje quem vai ficar é a criança apenas. Se isso acontecer, eles já estarão revelando um dado, dado este que pode ter vários significados, tais como: falta de limites, dificuldade em lidar com as normas. Não se sabe o que é, mas já se deve ficar atento para esta atuação da família. Caso apareça só a criança, atende-se e marca-se uma nova sessão com os pais. Se aparecer a família inteira, lembra-se a família do que havia sido combinado e que na próxima sessão seria bom que aceitassem o convite de vir só os pais. Pode acontecer que só a mãe apareça. Assim sendo, na próxima entrevista pede-se a

presença do pai. Pode acontecer ainda de a mãe dizer: “ele não aceita vir de jeito nenhum”. Neste caso o terapeuta pede para entrar em contato com o pai. A insistência da mãe neste sentido pode ter um significado, tal como: manipulação da mãe ou pode ser que o pai não queira realmente ir, mas deve-se ficar atento, existe um significado que não se sabe qual é. Deve-se ficar atento ao tipo de relação estabelecida no processo terapêutico. As perguntas que se fazem têm como objetivo conhecer a forma como eles se relacionam, a dinâmica familiar, a comunicação, a afetividade, o respeito mútuo.

Virginia Satir sugere iniciar a sessão questionando o casal sobre o porquê de, dentre tantas pessoas no mundo, eles se escolherem. Lança-se a pergunta e espera-se para ver quem vai responder primeiro. Várias coisas podem acontecer: pode um ficar empurrando para o outro; pode um querer responder; podem responder afetivamente dizendo que foi tão legal ou podem dizer que foi a pior coisa que aconteceu na vida. Há alguns que dizem que foi o acaso, não foi uma escolha deles. Assim, o terapeuta já vai tendo indícios acerca da forma como se estabelece o vínculo familiar; a cumplicidade, o respeito ao sentimento do outro, os acordos. Enquanto o casal fala, o terapeuta se manifesta através das intervenções: refletoras de conteúdo verbal, clarificadoras de vivências emocionais e inquisitivas. Na

continuidade de suas questões, vai observando quem frequentemente toma a frente, quem recua, enfim, como se dá a dinâmica familiar. Muitas vezes o casal queixa-se: “meu filho não tem o menor limite”. Ao mesmo tempo o pai bota a cinza no cinzeiro, derruba a cinza, vai ao banheiro e deixa o papel fora do lugar, lava as mãos e molha o banheiro todo, um manda o outro se calar porque é sua vez de falar. A falta de limites está inserida no contexto familiar. No relato dos pais, muitas vezes fica clara a dificuldade de se impor a disciplina. Dizem, por exemplo: “deixar, não deixo o meu filho fazer não, sabe, eu imponho a disciplina, mas ele insiste, aí ele faz”. A comunicação é contraditória: impõe a disciplina, mas se ele quer fazer, faz. Que disciplina foi imposta? Na verdade, nenhuma.

Depois, pergunta-se o seguinte: aí o namoro continuou e num dado momento vocês resolveram casar. Como foi essa decisão? Várias possibilidades de resposta podem aparecer. Eles podem dizer que não decidiram pois ela ficou grávida e tiveram que casar ou que os dois decidiram, pois queriam ficar mais tempo juntos. Após a resposta de um dos membros do casal, o terapeuta dirige a mesma pergunta para o outro. Cada um dos membros do casal responde de acordo com seus significados e com a postura que assumem na vida. O psicólogo continua observando a forma como se dão os vínculos familiares, como é a atitude

frente às famílias de origem. Sabe-se muitas vezes que as famílias de origem influenciam tanto o casal que aquela família nuclear ainda não se formou. Os pais não se constituíram como tais, são todos irmãos. Desta forma pode-se concluir que a figura de autoridade inexistente.

Após todos esses dados serem levantados, dá-se início à sessão livre. O terapeuta deve mostrar a sala à criança e pedir para que ela escolha a atividade que deseja executar. A sala deve dispor de um rico repertório de recursos a fim de ampliar as possibilidades de ação da criança.

É imprescindível que o espaço lúdico conste de livros infantis que devem ficar à disposição das crianças e outros que podem ser usados no trabalho com a família.

Através do uso dos livros infantis pode-se mobilizar a família para o processo terapêutico e para a orientação de pais. Com a criança, tais livros possibilitam trabalhar a sexualidade, a morte, a fragilidade, a agressão, a submissão e muitas outras questões.

AS SESSÕES LIVRES

Deve-se dispor de jogos, os mais diferentes possíveis (damas, senha, jogo da memória). Nas sessões de psicoterapia, todas as questões existenciais devem ser tratadas: a escolha, a liberdade, a morte, a angústia.

Cada criança vai expressar o seu modo de ser e o terapeuta vai acolher qualquer tipo de expressão: agressivo, hiperati-

vo, submisso, esnobe, tímido, calado. Um cliente esnobe, inteligente, por exemplo, que leva muitas charadas para sua terapeuta resolver e se diz o máximo, pois só tira nota dez no colégio, deve ser compreendido pelo terapeuta. Não cabe a este sentir hostilidade ou achá-lo metido ou ainda pensar em dar uma charada que ele não possa responder.

Outro exemplo, como de um cliente hiperativo, que não pára, embora dê muito trabalho deve ser compreendido na sua forma de expressão. Se assim não fosse, não estaria necessitando de ajuda. Quando a criança ou a família vai ao consultório é óbvio que ela está vivendo um processo de inautenticidade, pois se ela estivesse bem, não precisaria estar ali.

Cada um tem o seu significado frente ao mundo e é o próprio sujeito quem vai explicitá-lo. Cabe ao psicoterapeuta estabelecer o vínculo. A relação deve se estabelecer através da confiança e da aceitação do cliente como ele se revela: agressivo, tímido, hiperativo. Na medida em que o terapeuta o aceita como ele é, vai-se estabelecendo um vínculo de confiança em que a criança vai se sentindo aceita.

A observação durante o processo de ludoterapia é de suma importância, pois permite ao terapeuta levantar dados acerca de todo o estilo de ser da pessoa, a forma como ela se relaciona com o mundo, as suas dificuldades e seus recursos.

O estilo de trabalho pode

estar afetando o desempenho escolar, como por exemplo, uma criança que tem dificuldades de aprendizado e que apresenta um estilo de trabalho do tipo ensaio-erro. Aí está a dificuldade dela: não analisa a situação para resolver. Perde muito tempo, não tendo tempo hábil para resolver as tarefas escolares.

O processo de atenção e de concentração deve ser observado durante a sessão, por exemplo, através do jogo da memória, das leituras, da realização de jogos, dentre outros.

A memória vê-se através do jogo da memória e de fatos ocorridos em sessões anteriores.

A ansiedade é verificada em diferentes situações, tanto frente ao novo, quanto em momentos em que a criança vivencia constrangimentos.

A coordenação motora pode ser vista durante as atividades com jogos de montar.

A forma como lida com as diferentes situações sociais revela se a sua maturidade mostra-se adequada à sua idade cronológica. Isto é muito bem observado na forma como resolve situações cotidianas que lhe são propostas.

A expressão da afetividade e dos sentimentos ocorre durante todo o processo lúdico, seja na relação com o psicólogo, seja nas situações de frustração frente à realização de alguma atividade.

No grafismo e nos testes expressivos tem-se a oportunidade de observar a representação gráfica da criança. Quase

toda criança gosta de desenhar. Quando ela brinca, quando ela desenha ou pinta, o terapeuta vai observando o seu grafismo. Pode-se observar também que no processo psicoterapêutico o grafismo vai evoluindo, os bonecos vão se tornando cada vez mais perfeitos, os detalhes vão ser cada vez mais evidenciados, o traçado vai ganhando uma forma.

A criança muitas vezes começa a ludo desenhando muitos círculos, que são o traçado mais primitivo e caracteriza a imaturidade emocional, perceptiva e motora da criança. Na medida em que se dá o prosseguimento do trabalho, vai se percebendo a evolução do traçado. O psicólogo vai acompanhando a evolução do grafismo e a forma de expressão da criança. Se, no início ela usar apenas uma cor, isto pode indicar uma limitação no mundo de possibilidades, pois entre as diferentes cores que ela pode escolher, ela escolhe apenas uma. Ela se coloca no mundo numa posição de restrição. Não vê todas as possibilidades. Na medida em que ela vai ampliando, usando mais cores, vai mostrando que já pode lidar com o mundo considerando todas as possibilidades ou mais possibilidades que o mundo lhe oferece.

Os testes podem ser utilizados como recursos terapêuticos, como quando se quer mobilizar algum sentimento. Pode-se pedir que a criança desenhe a sua família como objetos ou animais. É um recurso utilizado

para se trabalhar a dinâmica familiar. A criança pode, por exemplo, desenhar o pai como um palhaço e o terapeuta pode intervir: “interessante, quando você desenhou seu pai, se lembrou de um palhaço. O que existe em seu pai que faz você lembrar um palhaço?”

- Ah, você desenha o seu irmão e lembra de um jarro.

- É, nele ninguém pode tocar, ele é inatingível. Minha mãe é um rádio, porque não pára de falar. Quando ela fala todo mundo tem que calar a boca.

A criança vai mostrando os significados que cada pessoa da família tem para ela, como se relaciona com estas pessoas e qual a sua percepção da estrutura familiar.

O teste de percepção temática para crianças – CAT é um teste infantil que mostra situações com animais ou com pessoas. A primeira gravura mostra a sombra de uma galinha com três pintinhos comendo. É apresentada esta figura e propõe-se à criança que invente uma história. Na medida em que a criança conta a história, o terapeuta vai trabalhando toda a questão familiar. O terapeuta deve estabelecer uma relação de ajuda. Então, se a criança precisar de recursos para poder se mobilizar no sentido de despertar seus sentimentos, o psicoterapeuta deve trazer esses recursos.

No existencialismo, a técnica é um recurso que vai facilitar o processo, mas não é o fim, é algo que vai possibilitar a abertura.

A ORIENTAÇÃO DOS PAIS

A orientação dos pais acontece sempre que o terapeuta percebe que os estes não estão atuando de forma a facilitar o crescimento da criança. Os pais ou boicotam o processo ou continuam mentindo, ou ainda castigando em demasia. No início pode-se chamá-los uma vez por mês. Depois, de acordo com a situação, pode-se espaçar as orientações. Neste momento, o terapeuta vai levá-los a refletir sobre a forma como as coisas estão acontecendo na família. O terapeuta traz as situações familiares conflitivas e todos refletem sobre tais situações. Não diz diretamente o que deve ser feito. Pede-se para eles que dêem sugestões do que se pode fazer e aí vão refletindo em cada uma das sugestões e depois, juntos, descobrem qual é a orientação que eles acreditam que devem utilizar. Pode-se utilizar como recurso os livros infantis a fim de ampliar as possibilidades de atuação.

Nesta etapa do trabalho, alguns itens merecem atenção especial: a forma como se dá a disciplina familiar. Através de chantagem? Os pais fazem chantagem com os filhos e reclamam que eles também estão fazendo? A dinâmica é rígida, se dá através da punição física? Não há disciplina? Não há limites? Na família tudo vale? Tudo tem que ser trabalhado. Muitas vezes os pais dizem: “não adianta, ele não respeita ninguém”, “não cumpre

horário”, “nunca chega cedo” e os pais sempre chegam atrasados à sessão. Pode-se fazer uma brincadeira: “ah, nisso ele tem a quem puxar. Vocês também sempre chegam atrasados aqui”. Nesse caso, fala-se do atraso como uma característica familiar, ou seja, tira-se da criança o papel de bode expiatório e localiza-se essa situação na família. Desta forma pode-se tornar claro o modo como a família atua frente às regras. Outra queixa comum: “ele é muito dependente. Imagina, ele não faz nada sozinho”. E o terapeuta responde: “sim, mas eu soube que ele quis ir à padaria sozinho e não lhe foi permitido”. Os pais replicam: “ah, mas a padaria é perigoso. Lá não adianta que eu não deixo, de jeito nenhum”.

Então deve-se mostrar que a questão da dependência é algo que serve à família. A criança utiliza, mas a família se serve disso. Vai-se trabalhando assim a questão da dependência, entre outras.

A comunicação, por exemplo, do tipo paradoxal pode acabar por trazer conflitos sérios na criança. Um exemplo pode tornar clara a confusão provocada quando os pais assim se comunicam: “homem não pode descansar”, diz a mãe. Logo depois pergunta: “filho, está cansado, quer colo?” A criança fica na dúvida: afinal, sou homem ou não sou homem?

E os vínculos afetivos? Como se dão? Eles são de dependência? Não existem? É cada um por si e Deus por

todos? São meio confusos, uma hora há, outra hora não há? O relacionamento em si e o relacionamento familiar como um todo, como ele ocorre? Que influência exerce na vida da criança?

Outros recursos podem ser utilizados, como por exemplo, os livros infantis; fábulas, que às vezes trazem questões que são fundamentais, próprias à situação vivida pela família ou pela criança; crônicas que podem ser usadas no trabalho com os pais e com a criança. A leitura pode ser feita em casa ou na próxima sessão, pode-se ler junto com a criança para ver como ela lê, se ela tem compreensão do que lê, como é o entendimento, o sentimento e a articulação da linguagem.

A família na psicoterapia permite estabelecer a hora da verdade, uma vez que são trazidas questões que não são relatadas pela família. Neste momento, o terapeuta lança a questão e vê o que eles vão fazer com ela, como a família vai lidar com aquela verdade.

A partir da colocação clara das dificuldades vividas pela família, as coisas começam a melhorar porque a verdade é dita e o objetivo é que esse diálogo continue em casa, sem precisar da ajuda de um terceiro.

O terapeuta vai pontuando as questões levantadas de forma a intervir nos conflitos e vai estimulando para que a coisa se resolva, para que negociem aquela situação, sem, contudo, se intrometer ou dar a sua opinião.

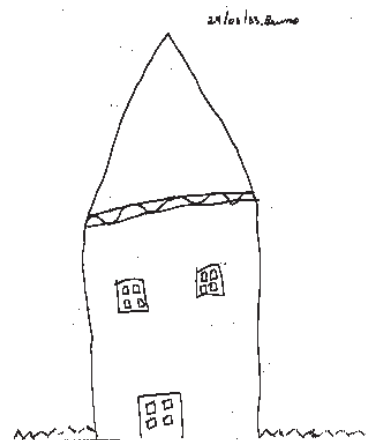
O TÉRMINO DO PROCESSO DE LUDOTERAPIA

O término do processo é realizado com a criança. Ela mesma vai percebendo que já não tem mais nada para trabalhar, vai-se ao mesmo tempo trabalhando essas questões com os pais, mostrando que os conflitos estão sendo resolvidos, que a criança não está apresentando mais aquelas dificuldades e que a família já consegue se estruturar como uma totalidade, onde a comunicação passou a ser direta e aberta.

A leitura do livro *A curiosidade premiada*, por exemplo, permite aos pais entender o objetivo da terapia e que são pequenos detalhes que fazem uma família grande em qualidade de relacionamento.

Na psicologia fenomenológico-existencial o terapeuta não é o responsável pelo término do processo. Se assim fosse, estaria contrariando o princípio básico de que a escolha do cliente compete a ele próprio. Portanto é o próprio cliente quem vai se dar alta. No caso da criança, esta vai chegar a um ponto em que vai dizer: “não preciso vir mais à terapia”. Ela está bem, o terapeuta então levará a questão aos pais. Com frequência, a criança diz que vai telefonar sempre para o terapeuta, que irá visitá-lo, o que na realidade acaba não ocorrendo. Desta forma, revela-se o final do processo. O ideal é que não se tenha estabelecido uma relação de dependência. A criança está pronta, foi à luta. O

terapeuta pode fechar o processo psicoterapêutico através de uma singela brincadeira: “eu não sei quem está mais louco, se é você para se livrar de mim ou eu de você”. Desta forma, deixa claro que ambos se constituem de forma independente, singular e portanto livre.



A publicação desta imagem e do bilhete redigido por uma criança de 7 anos ao final do processo de Ludoterapia – remetido à sua Psicoterapeuta, autora desse texto – foi autorizada pela criança e por seus responsáveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AXLINE, Virginia. *Ludoterapia*. Belo Horizonte: Interlivros, 1984.
- _____. *Dibs: em busca de si mesmo*. Rio de Janeiro: Agir, 1989.
- MALDONADO, M^a Tereza. *Comunicação entre pais e filhos*. Rio de Janeiro: Vozes, 1989.
- SATIR, Virginia. *Terapia do grupo familiar*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

Ana Maria Feijoo é presidente e coordenadora dos cursos do IFEN, Psicoterapeuta em clínica particular, professora e chefe do departamento de Psicologia da Universidade Santa Úrsula, professora da PUC-RJ e supervisora em Psicoterapia Fenomenológico-Existencial na USU e IFEN.

Técnicas da Gestalt-terapia aplicadas à Ludoterapia

Myriam Moreira Protasio

UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

A Gestalt-terapia é uma abordagem terapêutica cujos princípios básicos foram propostos por Frederick S. Perls, psiquiatra alemão contemporâneo de Freud, Reich, Goldstein e outros que, como não poderia ser diferente em sua época, orienta-se inicialmente pela psicanálise.

Durante o nazismo Perls segue para a África do Sul onde, como psiquiatra do exército, começa a desenvolver suas idéias. De volta à Alemanha encontra-se com Freud e decepiona-se por não encontrar espaço para as idéias inovadoras que pretende introduzir à psicanálise. Posteriormente Perls rompe abertamente com a Psicanálise e, anos depois, emigra para os EUA, onde falece em 1970, não sem antes desenvolver um trabalho de repercussão internacional.

O embasamento inicial que fundamenta a Gestalt-terapia coincide com a própria trajetória de seu fundador. Os antecedentes intelectuais segundo James Fadiman e Robert Frager são:

As principais correntes intelectuais que influenciaram diretamente Perls foram a psicanálise (principalmente Freud e Reich), a psicologia da Gestalt (Kohler, Wertheimer, Lewin, Goldstein e outros) e o

existencialismo e a fenomenologia. Perls também incorporou algumas das idéias de J. L. Moreno, um psiquiatra que desenvolveu a noção da importância do desempenho de papéis em psicoterapia. De um modo menos explícito, Perls descreve a filosofia e a prática do Zen como uma importante influência, particularmente em seus últimos trabalhos. (*op. cit.*, p. 127.)

Entre os pressupostos filosóficos que norteiam a Gestalt-terapia encontramos primeiramente o humanismo, com a noção de que o ser humano tem duas tendências básicas que lhe são inerentes, quais sejam, a tendência a se preservar (autogerir-se e regular-se) e a tendência a crescer na direção daquilo que define o homem como homem, sua humanidade.

Algumas influências substanciais do existencialismo e da fenomenologia podem ser identificados: a noção de que o mundo do indivíduo só pode ser compreendido através da descrição direta que o próprio indivíduo faz de sua situação única; a percepção de que o encontro terapêutico é um encontro existencial entre duas pessoas, e não uma relação nos moldes médico-paciente; a idéia existencialista de que cada pessoa cria e constitui seu próprio mundo.

O sentido dos atos psíquicos

ou intenções deve ser entendido fenomenologicamente, ou seja, através da descrição – todas as ações implicam em escolhas, e todos os critérios de escolha são eles próprios selecionados dentre possíveis disponíveis àquele indivíduo particular.

Conceitos da Psicologia da Gestalt e sua adaptação ao set terapêutico:

♦ O todo e a parte: a melhor tradução para a palavra Gestalt é todo, inteiro, configuração. Quando nos deparamos com algo, a nossa percepção o capta como um todo, e a seguir percebemos suas partes. Logo, o todo é anterior às suas partes. É importante para a compreensão deste todo que se descubra e se conheça a relação existente entre suas partes. Todas as partes do campo desempenham algum papel na estruturação perceptual. Assim, para o gestaltista é importante como o dado é estruturado, considerando que as partes estão em íntima relação com o todo. O indivíduo traz-se à terapia a partir de suas partes (uma dor, uma queixa), mas é no todo que se pode encontrar o significado. O olho do terapeuta trabalha então em duas direções: no todo e na parte, à espera de que a relação

revele a totalidade, onde o discurso psicoterapêutico completa-se e plenifica-se.

▶ **Figura e fundo:** a figura não é uma parte isolada do fundo, este existe naquela. O fundo revela a figura, permitindo que a figura surja. Assim, na relação terapêutica o psicólogo estará consciente de que o cliente é um todo e deve estar atento a este todo mesmo quando o que está sendo trazido é apenas uma parte; as duas partes, ele todo e a parte dele, continuam presentes, por baixo ou por trás; o sujeito se identifica com a parte que está sendo focalizada, ou seja, sua parte pequena coincide com sua parte grande, seu todo. Assim, a relação figura-fundo é extremamente fluida, estando em constante mudança. As figuras surgem do fundo para serem melhor elaboradas, e a ele retornam fortalecendo a estrutura do fundo, emergindo como nova figura. O que agora é fundo daqui a pouco poderá sobressair-se como figura.

▶ **Aqui e agora:** diz respeito à preocupação com as influências sofridas pela percepção de um objeto pela experiência passada ou projeções futuras. O aqui e agora, ou o presente, é fruto de um passado contínuo a que o sujeito pertence e de suas projeções e expectativas futuras. É aqui e agora que surge o dado, e é aqui e agora que deve ser vivido e compreendido.

Por ser a Gestalt-terapia uma proposta de trabalho que enfatiza a vivência no set terapêutico como forma de levar o cliente à conscientização, inúmeras propostas técnicas foram e continuam sendo desenvolvidas, primeiramente por Perls em sua atuação com grupos e posteriormente por seus seguidores. A criatividade do terapeuta é bastante estimulada neste sentido.

O método fenomenológico é utilizado como instrumento de compreensão do indivíduo na Gestalt-terapia. Existencialismo e Gestalt-terapia convergem neste sentido, o que nos autoriza a permear nosso trabalho com técnicas criadas e preconizadas por esta abordagem de atuação da psicologia.

A PROPOSTA FENOMENOLÓGICO- EXISTENCIAL

O terapeuta existencial, no encontro com seu cliente, estará sintonizado com os princípios básicos de compreensão do homem descritos pela filosofia existencial e pelo método fenomenológico. Assim, naquele momento particular, estará percebendo seu cliente como ser único, com uma forma própria de se colocar e se relacionar com o mundo, que são reflexos de sua visão própria de mundo. Estará buscando compreender aquele indivíduo considerando a forma especial como ele vivencia as categorias-fenomenológicas: o tempo (passado vivido e futuro enquanto projeto, convertidos no presente vivi-

do aqui e agora), o espaço (sua corporeidade, seu espaço próprio), o outro (sua estranheza diante da diferenciação e da relação eu-outro, eu-mundo) e a sua obra (sua ação no mundo, a forma própria escolhida por ele para se colocar em seu mundo). Estará sintonizado buscando os significados que aquele ser dá às categorias existenciais: liberdade, responsabilidade, autenticidade, angústia, medo, projeto, risco, morte, solidão, e buscará promover a ampliação da consciência e a construção de sua verdade na ação.

O instrumento de trabalho do terapeuta existencial é a linguagem. Neste encontro de individualidades, encontro existencial, o terapeuta considerará não só a linguagem formal, falada, mas também a linguagem expressa através de gestos, expressões, tom de voz, movimentação corporal.

No discurso buscará aquilo de que trata o discurso: a temática do discurso, a forma e o conteúdo do discurso – as estratégias desenvolvidas para o discursar. Partirá do discurso para a compreensibilidade, e daí para a disposição. A situação terapêutica é a articulação de dois sentidos – um do cliente e outro do terapeuta em que se dá a captação do sentido pelo entendimento. Através do exercício da *epochè* – que é apreender o outro pelo sentido e articulação trazidos por ele e não pelo terapeuta, com suspensão de juízos e valores, o terapeuta prepara-se para focar o sentido do outro.¹

No curso de seu trabalho o psicólogo facilitará a exteriorização e expressão livre dos sentimentos, buscando promover a congruência entre pensamento, sentimento e linguagem – ação no mundo.

LUDOTERAPIA EXISTENCIAL

A criança vai aos poucos aprendendo a desenvolver uma imagem de si. Primeiramente forma o seu eu-corporal pela descoberta de seu corpo e da diferenciação entre ela própria e o mundo. Posteriormente desenvolve o eu-social, proveniente da relação (gratificante ou não) estabelecida com este mundo. Aprende a se ver através do outro e é “continuador passivo da história da família”. Padrões comportamentais são adquiridos, mas chega o momento em que se defronta com a escolha básica: continuar a história ou ultrapassá-la em busca de uma criação de si-própria.

Desde cedo a criança demonstra atitudes genuínas que, mesmo que aos poucos sejam moldadas pelo ambiente, a caracterizam individualmente como ser vivente e íntegro. Os conflitos são, a princípio, basicamente relativos às suas necessidades básicas e à luta pela autonomia, confrontadas com o ambiente em que vive. Embora com esforço de vida restrito, a liberdade de escolha amplia-se com o desenvolvimento, e o espaço vai se abrindo em direção ao ser genuíno que ela pode construir em consequência de sua atuação no mundo.

A psicoterapia com crianças pretende oferecer um espaço de continência permissiva no qual a criança experencie suas potencialidades, aclare seus conflitos e vivencie uma relação estimuladora de saúde.

Ludo significa jogo. Terapia, recurso para ajudar. *Ex* significa para fora e *istencial* revelar, sobressair, emergir. Ludoterapia existencial pode ser então definida como: recursos para ajudar a criança a emergir e revelar-se em sua essência, através do jogo.

O primeiro recurso que o terapeuta tem é ele próprio, com sua disponibilidade e intencionalidade para aquele encontro.

Estando disponível para o cliente, o terapeuta o acompanha, e assim capta o mundo como a criança o capta, ao mesmo tempo em que, como ser separado, como *Dasein*, tem sua própria integração significativa da vivência. Esta compreensão da vivência é oferecida à criança como nova possibilidade em seu universo integrativo e em sua autocompreensão. Ir-com a criança é deixá-la livre para ir. O terapeuta acompanha, segue a direção sugerida pela criança com sua intencionalidade como recurso de trabalho: seu olhar, sua escuta, únicos para aquela criança.

O espaço físico e os elementos que o compõem são outro recurso de que dispõe o terapeuta. É difícil descrever o espaço ideal, mas o aconchego e a presença de elementos pertencentes ao mundo da criança parecem favorecer a identifi-

cação e a integração dela ao espaço. A importância de cada elemento não se encontra em si só, mas na forma como cada um será utilizado no processo.

ALTERNATIVAS TÉCNICAS E LUDOTERAPIA EXISTENCIAL

As técnicas devem ser compreendidas aqui como *maneira ou jeito de fazer algo*, ou seja, recurso terapêutico utilizado para que se atinja o objetivo terapêutico: facilitar a expressão do ser e promover condições para sua conscientização e expansão. *Parte material ou conjunto de processos de uma arte*, ou seja, a serviço da sensibilidade do terapeuta. Qualquer conjunto de técnicas será considerado meramente um meio conveniente, instrumentos úteis aos propósitos da terapia, mas isentos de “qualidades sacrossantas”.

Violet Oaklander afirma:

Existe um número interminável de técnicas específicas para ajudar as crianças a exprimir sentimentos por intermédio do desenho e da pintura. Independente do que a criança e eu escolhemos fazer em qualquer sessão, o meu propósito básico é o mesmo. Minha meta é ajudar a criança a tomar consciência de si mesma e da sua existência em seu mundo. Cada terapeuta encontrará o seu próprio estilo para conseguir esse delicado equilíbrio entre dirigir e orientar a sessão, de um lado, e acompanhar e seguir a direção da criança, de outro. (Oaklander, 1980, p. 69)

Ao utilizar recursos técnicos o terapeuta objetiva colocar-se

e à criança num mesmo momento histórico e num mesmo caminho de busca de sentido, reduzir sua ansiedade dirigindo-a numa caminho familiar e seguro onde pode expressar-se livremente, facilitar-lhe a expressão, ampliar sua consciência e abri-la para novas possibilidades de existir.

Através da vivência e da apresentação desta a criança articula uma linguagem que possibilita a busca do sentido. Estando junto com a criança em seu percurso, o terapeuta vai buscando os significados quanto às categorias existenciais, quais sejam: autenticidade, liberdade, responsabilidade, angústia, medo, risco, ampliando a consciência e promovendo a construção da verdade de a criança no curso de sua ação no mundo. No aqui e agora da vivência terapêutica o terapeuta experimenta a forma própria da criança estar-no-mundo, compreendendo a sua maneira de vivenciar o espaço (seu corpo), o tempo (sua história), o outro (sua estranheza) e a obra (o seu fazer-se).

AS TÉCNICAS E SUAS APLICAÇÕES

Muitas técnicas que aqui serão descritas podem ser encontradas em publicações especializadas em ludoterapia de base fenomenológica. Outras foram desenvolvidas no processo diário do trabalho com crianças e em cursos e grupos de troca. A algumas descrições serão acrescentadas situações terapêuticas em que foram utilizadas.²

Desenho

As crianças estão em geral habituadas a desenhar. O que o terapeuta fará é explorar a criação da criança em busca do sentido ali expresso. Este trabalho pode ser livre ou dirigido.

Desenho livre: a criança manifesta o desejo de desenhar. O terapeuta acompanha o processo de criação, observa e, junto à criança, explora o sentido particular expresso pelo desenho. Ao fazer isto o terapeuta estará possibilitando a conscientização da criança de sua intencionalidade, ou seja, daquilo que a motiva a criar este desenho, a usar estas cores, a posicionar as figuras desta forma etc..

Desenho dirigido: o cliente cria e desenha livremente, mas o tema é proposto ou sugerido pelo terapeuta. O objetivo do terapeuta é explorar através do desenho questões pertinentes àquele cliente. Assim, pode pedir, por exemplo, que a criança desenhe sua família, seu mundo, seu quarto, sua casa, sua rotina, dê cor aos seus sentimentos, desenhe seus amigos como animais (adaptando o bestiário) etc.. O bestiário é uma possibilidade bastante útil no sentido de conscientizar a criança de seus sentimentos sobre as pessoas que a cercam.

Pode-se pedir a uma criança que desenhe sua vida, assim poder-se-á conhecer seus sentimentos à respeito dela. Pode-se sugerir à criança que desenhe seus amigos como animais. Pr. é uma menina que tem dificuldades em estabelecer relações de amizade. Seus sentimentos

sobre si mesma são difusos, mais ainda a respeito dos outros que a cercam. Através desta adaptação do bestiário foi-lhe possível reconhecer que tinha opiniões formadas sobre todos de sua turma, expressar suas preferências e abrir mão de isolar-se ou tentar agradar a todos, estabelecendo relações com as pessoas pelas quais sentia-se mais atraída ou identificava-se.

Vivências de fantasia

Se a criança expressa-se livremente na terapia em palavras ou em jogos ou brincadeiras o terapeuta acompanha seu fluxo. No entanto, se lhe é difícil expressar-se e muitos de seus sentimentos não vêm espontaneamente à superfície, a fantasia pode ser um recurso valioso de explorar estes sentimentos. Através dela é possível relaxar a criança e deixá-la livre para encontrar espaços ainda não explorados.

O primeiro passo em qualquer vivência de fantasia é promover o relaxamento. Este pode ser dirigido pelo terapeuta. Um modelo de relaxamento que tem sido bastante útil é dirigir a criança num passeio por seu corpo. Pede-se que tire os sapatos, deite-se confortavelmente e feche os olhos. Muitas crianças não gostam de tirar seus sapatos, outras de deitar e muitas outras de manter seus olhos fechados. Seus limites são sempre respeitados depois de uma rápida conversa que esclareça em que se constitui esta limitação. É importante lembrar que qualquer proposta

trazida pelo terapeuta deve colocar-se sempre aberta para a recusa da criança. A reação da criança deve ser utilizada para compreender a forma como ela atua e promover a conscientização sobre sua forma de estar-no-mundo.

Retomando o relaxamento, é pedido à criança que se deite confortavelmente e mantenha os olhos fechados. O terapeuta, em voz pausada e suave, vai dirigindo-a a seu espaço próprio, conscientizando-a de que existe um espaço somente ocupado por cada um de nós, que ninguém pode entrar a menos que seja convidado, fisicamente ou por pensamentos. Neste espaço somente ele detém o comando. Pede-se à criança que observe sua respiração, tente apreender seu ritmo respiratório. O terapeuta pode respirar no ritmo da criança proporcionando maior sintonia entre os dois. É pedido à criança que não interfira no ritmo respiratório, apenas observe, e em seguida ela é dirigida num passeio por seu corpo, que pode começar pelo dedão e sola do pé e seguir até o alto da cabeça. No final deste trabalho a criança deverá estar suficientemente relaxada e o terapeuta pode então levá-la para a “viagem de fantasia”. É dito à criança que vai-lhe ser contada uma história, que ela vai “viver” esta história, e que, quando acabar o trabalho, vai-lhe ser pedido que desenhe ou relate o que encontrou no final. O terapeuta pretende conhecer o mundo da criança relatado à

partir do trabalho, explorando suas motivações e significados.

Fantasia da roseira

Consiste em pedir-se à criança que imagine que é uma roseira. Muitas sugestões são então dadas a título de estimulação objetivando facilitar a associação e criação da criança. Pede-se à criança que imagine que tipo de roseira é, se é mesmo uma roseira ou é outro tipo de flor, se tem espinho, se é grande ou pequena, alta ou baixa, magra ou gorda, se tem raízes ou não, se estas são mais ou menos profundas, se tem folhas, como são estas folhas, são muitas ou poucas, como são seu tronco e seus galhos, em que lugar está, se está só ou acompanhada, como são seus companheiros, como se sente neste lugar, o que vê em volta de si, árvores, flores, animais, pessoas, onde é este lugar, quem cuida dela? A criança é então dirigida de volta de seu espaço próprio para nosso lugar comum e é-lhe pedido que desenhe a roseira que imaginou sem preocupar-se com a qualidade do desenho, pois poderá dar as explicações que quiser sobre o que desenhou.

Pr., de 10 anos, desenhou uma roseira num vaso com três flores diferentes e uma gaiola com um pássaro. Foi-lhe pedido que se apresentasse como se fosse essa roseira e seu relato foi o seguinte: *“Eu sou uma roseira. Uma roseira com muitas rosas. Eu sou muito feliz. Eu estou numa casa onde há muita gente que gosta de*

mim. O lugar onde estou é muito bom. Espero que eu não murche tão cedo porque não quero deixar o passarinho sozinho, coitado.” Trabalhando sobre o conteúdo trazido pela criança foi possível conhecer sua preocupação em não morrer para que sua mãe não ficasse sozinha. E, a partir disto, surgem situações em que Pr. deixa de ter vida própria para fazer companhia à mãe, que tem medo de ficar só. A irmã mais nova pode sair nos finais de semana, ela não, para acompanhar a mãe. O terapeuta explora o que a faz ficar neste lugar. A criança se conscientiza de seu medo de magoar a mãe, de provocar-lhe “mais sofrimento”, e começa a explorar formas de proteger a mãe, preocupação sua, mas de também defender seus próprios interesses.

Recursos artísticos: tinta, massa, argila, cola, água

Muitas vezes o terapeuta poderá trabalhar apenas o contato da criança com estes materiais, o que pode lhe ser bastante prazeroso ou uma experiência asquerosa. Parece verdadeiro que a criança menor lida mais livremente com este tipo de material. Mas crianças maiores têm tido bastante prazer no reencontro com a manipulação de argila e tinta, com os quais tendem logo a construir algo. Assim, a utilização pode ser livre ou dirigida: a criança pode criar livremente e o terapeuta buscará articular com ela o sentido do que está vivenciando, ou o terapeuta pode

sugerir-lhe que expresse algum sentimento através da argila, ou utilizando tinta da cor de sua preferência.

Por ocasião do aniversário das crianças o terapeuta pode sugerir-lhes que construam um presente para si mesmas. Argila e tinta resultam num presente concreto bastante interessante. Fazer um presente para você mesmo não parece ser coisa fácil, mas esta atividade tem sido realizada com bastante prazer pelas crianças, que levam com bastante cuidado seus presentes para casa. Uma criança fez um porta-lápis que levou com muito cuidado para casa. Passado um tempo a irmã o quebrou acidentalmente. A criança, muito sentida, pediu para fazer outro. Este objeto já tinha um lugar especial em seu quarto que não gostaria que ficasse vazio.

Enquanto a criança utiliza este material é possível ao terapeuta atento perceber a forma como ela utiliza o espaço, o material e como está sua motricidade fina e ampla.

Histórias e poesias

Eis algo que a criança em idade escolar se vê obrigada a fazer diariamente. É certo que muitos têm prazer nisto. A utilização na terapia pretende a exteriorização de sentimentos e idéias em palavras. Isto não é uma tarefa fácil para todas as crianças, mas é um caminho bonito de ser trilhado.

Pode-se propor uma história interativa, construída em dupla pelo terapeuta e o cliente.

Alguém começa, o outro completa, depois o outro traz uma nova frase, depois o outro, assim até que considerem a história encerrada. Pode começar assim: “Era um dia especial...”.

A poesia é também interessante e pode ser trabalhada de forma interativa. Pode-se pedir à criança que escreva uma poesia comunicando à sua mãe seus sentimentos. A poesia dispensa muitas informações e pode ser mais direta que uma prosa, o que torna o exercício bastante emocionante.

A criança pode fazer uma redação com um tema proposto pelo adulto. Outras vezes ela própria escolhe sobre o que escrever. Uma criança escreveu uma vez:

“Minha autoconfiança

Minha autoconfiança é uma das minha melhores qualidades. Mas, se eu não estou autoconfiante, eu estou inseguro. Por causa disso, ainda não estou totalmente firme emocionalmente. De outro lado, a autoconfiança foi a principal responsável para eu me desenvolver emocionalmente e amadurecer.

Eu sempre achei que se eu não tivesse confiança em mim mesmo, não iria a lugar algum. Eu passei cada vez mais a acreditar em mim, e então fui chamando todas as responsabilidades a mim, e fui tomando conta de toda elas, mas sempre acreditando em mim.

Quando estou autoconfiante, me encho de vontade para realizar com prazer as minhas tarefas. E cada vez elas parecem mais fáceis.

Se não fosse minha autoconfiança, eu não chegaria aonde eu cheguei.”

Livros infantis

O terapeuta pode ter em seu consultório vários livros infantis. Hoje em dia é possível encontrar textos com ilustrações bastante sensíveis explorando inúmeros temas pertencentes ao mundo das crianças. Quando uma criança escolhe um destes livros abre-se um tema a ser explorado, um universo afetivo a ser compreendido.

Pr. e seu terapeuta encontraram no livro *Curiosidade Premiada* a forma de explorar sua dificuldade de compreender a forma como sua família se organizava. Este livro foi utilizado na devolução de psicodiagnóstico onde só estava presente a mãe. Pr. ocupou-se em trazer o pai um outro dia para ler-lhe o livro. Era-lhe importante falar de sua necessidade de ouvir explicações, de entender o que se passava. Sua família tinha muitos segredos (situações resolvidas a portas fechadas), muitos conflitos com tios e avós e o pai tendia a deprimir-se passando manhãs inteiras trancado em seu quarto recusando-se a ir trabalhar. Pr. respondia a isto sentindo-se muito insegura e tendo muitas dores de barriga quando longe da mãe.

O corpo

Como já foi dito acima quando falávamos de relaxamento, cada pessoa tem um espaço próprio que é perceptível externamente pela visão de seu corpo. As sensações, as emoções, os pensamentos, as imagens, os anseios e tudo o

mais que diga respeito a uma pessoa vive em seu corpo. Experimentar o corpo, movimentá-lo, é tocar neste universo próprio de cada um.

Na ludoterapia pode-se fazer brincadeiras como “o macaco mandou” ou imitar animais em seus movimentos ou sentimentos. Pode-se jogar bola, correr, pular, ir a um trepa-trepa. Pode-se dirigir a criança num relaxamento onde ela imagina-se com uma lanterna na mão passando por dentro de seu corpo. Pode-se-lhe pedir que pare quando sentir um músculo mais tenso ou uma dor e que então descreva o que está percebendo ou sentindo. Ela pode deitar-se sobre um papel e o terapeuta desenhar seu contorno que será depois “vestido”. Ela pode também fazer um desenho livre de seu corpo sobre um grande papel. A parede pode ser usada para registrar o crescimento dela. É sempre uma surpresa constatar a mudança de tamanho. O espelho também pode ser utilizado. A criança pode gostar ou não do que vê. Pode ser simpática ou agressiva a si mesma através do espelho. O terapeuta pode usar também o espelho para demonstrar a incongruência entre a fala e a expressão.

Uma criança descobriu que tinha uma postura “torta”- seu ombro pendia para a esquerda desenhando-se a si mesma num papel. Ela não sabia, mas tinha consciência disto. Primeiramente entrou em contato com seu corpo, imaginou como o faria e em seguida o desenhou. Quando viu seu desenho sur-

preendeu-se. A terapeuta sugeriu que se olhasse no espelho e a criança constatou, surpresa, que era assim mesmo.

Uma outra deitou-se sobre um grande papel pardo e a terapeuta desenhou seu contorno. Várias sessões foram usadas num alegre trabalho de “vestir” seu desenho. E ficou claro como ela estava satisfeita consigo mesma. Ela teve o cuidado de reproduzir roupas que tinha no armário e ser o mais possível fiel à realidade. Este desenho ela levou consigo logo depois, quando finalizou seu processo terapêutico. A mãe e ela pretendiam pendurar na parede de seu quarto.

Dramatização

A brincadeira da criança pequena é sempre uma dramatização. Ela dramatiza seu mundo – a escola, a casa, as relações. A criança maior pode não fazê-lo espontaneamente, mas demonstra prazer nestas atividades.

A criança pode fazer um brincadeira dramática livre utilizando os objetos da sala como a casinha de bonecas, objetos de casinha, bonecas, fantoches, bonecos, armas, carros etc.. Nestas brincadeiras, quando o terapeuta é convidado a contracenar, é importante que ele atue segundo instruções da criança para que não represente o personagem por seus próprios critérios, mas pelos critérios da criança.

Geralmente a criança que começa uma terapia não sabe o que é isto e falar de sentimentos é algo alheio ao seu dia-a-dia. Dramatizar sentimentos tem sido uma forma útil de familia-

rizá-la com o universo terapêutico. Ela pode imitar animais com medo, com raiva, felizes, inseguros, agressivos, ansiosos, agitados, calmos, doentes etc.. Pode-se construir com a criança uma caixinha dos sentimentos. Criança e terapeuta juntos nomeam os sentimentos que conhecem que são então escritos num papelzinho e guardados na caixa. Posteriormente pode-se sortear um ao acaso e representá-lo para que o outro adivinhe do que se trata. É uma forma de exercitar a criança a compreender os sentimentos dos que a cercam e os seus próprios.

Testes projetivos

TPO – Teste projetivo Ômega, CAT – Teste de apercepção temática para crianças, Rorschach – Teste psicodiagnóstico de Hermann Rorschach e outros

No psicodiagnóstico este material é utilizado para recolher dados úteis na elaboração da conclusão psicodiagnóstica. Na ludoterapia o terapeuta pode utilizá-los como recurso para explorar com a criança os significados externados. De forma que o material produzido é discutido, pensado e questionado, e o que importa é o significado emergente.

Jogos

Baralho, jogo da velha, memória, loto, ludo, boliche, boladegude, belisca, risk, espião e muitos outros que se pode comprar à vontade nas prateleiras de jogos para crianças.

Têm a capacidade de colocar a criança bastante à vontade inicialmente, por ser algo já conhecido. No processo terapêutico pode-se trabalhar a forma como a criança joga, conhecer sua forma de raciocinar, como lida com a competição, quais suas maiores preocupações durante um jogo etc.. Outras vezes a criança é introduzida num jogo não conhecido anteriormente e pode-se conhecer sua forma de lidar com estas situações. Serão descritas abaixo duas situações vividas pela mesma criança que podem ilustrar a utilidade destes jogos.

Numa situação de orientação a terapeuta, desejosa de aproximar a mãe do universo da filha, propôs-lhe um jogo de belisca, que é um jogo muito antigo feito principalmente no interior do Brasil. A mãe, oriunda do nordeste do país, redescobriu felicíssima o prazer desta atividade. Posteriormente a terapeuta propôs este jogo para a criança, que ficou surpresa de saber primeiro que a mãe o conhecia e depois, mais ainda, que ela havia jogado ali, no mesmo espaço que ela estava utilizando. Algumas pedras foram apresentadas às duas e um novo espaço de comunicação inaugurou-se.

Em outras ocasiões a terapeuta ensinou a criança a jogar baralho. Era uma criança com a vida muito dura. A família pobre lutava com dificuldades e o prazer parece ter sido deixado de lado. A criança foi instruída a pesquisar novas formas de jogar baralho que depois eram ensinadas para a terapeuta e jo-

gavam juntas. Com o passar do tempo o baralho assumiu uma posição nobre no processo. Toda vez que aquela criança queria dividir com a terapeuta algo que lhe estava ocupando o pensamento, intermediava a situação com um jogo de baralho. Começava dizendo que hoje queria jogar. As duas passavam a sessão jogando baralho, mas o jogo era o menos importante. Enquanto jogavam a criança falava de si e do que a afligia.

Técnicas de grupo

Os grupos podem ser dirigidos, semidirigidos, autoplanejados ou sem liderança. Em qualquer caso os recursos técnicos são bastante úteis.

Objetivos alcançados pelo trabalho em grupo:

- ▶ Conscientização da subjetividade.
- ▶ Percepção e conscientização do outro.
- ▶ Vivência da alteridade.
- ▶ Exploração das categorias fenomenológicas (como eu funciono) e existenciais (como me coloco no mundo).

Outras técnicas que podem ser utilizadas como recurso terapêutico no trabalho com grupos:

A experiência da laranja

O terapeuta leva para o encontro em grupo laranjas e facas em número suficiente para cada membro do grupo. Distribui as laranjas e facas e pede que cada um observe bem sua laranja. Olhe-a, toque-a, cheire-a, enfim, conheçam-na bem. Se quiserem

podem morder para sentir o gosto da casca (as laranjas foram lavadas previamente). Depois é-lhes sugerido começar a descascar a laranja. Vivam esta experiência intensamente. Percebam o esforço de realizar esta tarefa, o que lhes ocorre neste momento? (Para muitas crianças é a primeira vez que realizam esta tarefa – descascar laranjas). O terapeuta segue instruindo que agora explorem a pele branca de sua laranja. Podem prová-la. Em seguida devem tirar esta pele. Novamente atentem para como se sentem fazendo isto, se encontram dificuldades e que dificuldade é esta. Quando está totalmente descascada devem sentir-lhe o cheiro e separar os gomos. Gomos separados, que provem um. Busquem, ao mesmo tempo em que sentem o gosto do caldo descendo por sua garganta, ainda com a pele da laranja em sua boca, identificar como se sente, em que pensa, do que se lembram. Quando todos tiverem provado, são estimulados a trocar os gomos com seus colegas. Cada um deve começar a provar o gomo dos outro. Atentem para as diferenças e semelhanças, para os gomos que mais lhes atraem e para aqueles que não lhes dá prazer em comer. Deixar que este momento flua livre e alegremente entre os membros do grupo. Quando estiverem saciados da atividade promover um papo em grupo fazendo correlação entre laranjas e pessoas – se já haviam percebido que também entre as pessoas há diferenças e semelhanças, o que os atraem nas pessoas, o que os repulsam etc..

Fantasia de ser um livro

As crianças são convidadas a se deitar. Um relaxamento é orientado e depois é-lhes pedido que acompanhem o que o terapeuta está dizendo preenchendo as lacunas com sua imaginação.

Imagine que você é um livro. Qual seria um bom título para você, que captasse algo do que você é? Qual seu estilo e seu tom? Que tal sua capa e seu prefácio – será que as pessoas sentir-se-ão atraídas a ler você e como serão elas? Você mostrará o que anuncia? Quais de seus capítulos foram mais difíceis de escrever? Que capítulos você gostaria que fossem suprimidos? Depois que as pessoas terminarem de lê-lo de ponta a ponta, que acha que pensarão? Deixar a criança livre com sua criação. Depois de um tempo orientá-las de volta para o espaço de todos.

As crianças falam do livro que seriam e trocam impressões sobre si mesmas.

Um garoto de 12 anos disse que seu livro seria *E o vento levou* e em seguida falou de como ficou quieto deixando que as suas emoções fossem levadas. Uma questão desta criança era que não reagia às provocações externas, a ponto de a mãe preocupar-se sobre algum comprometimento psicopatológico.

Uma garota de 11 anos falou de si: *A menina quieta da sala de aula*. Contou que tinha só um capítulo, mas que talvez pudesse criar um novo, diferente.

Outra, de 13 anos apresentou-se como *As duas fases*.

Contou que tinha dois capítulos. Um quando é tímida e outro quando é extrovertida. A capa não tem a ver com o conteúdo, contou, dando-se conta de sua vivência partida.

Pode-se propor um trabalho em que se pede à criança que atribua um objeto ou animal a uma ou mais pessoas de sua família ou de seus amigos. Possibilita a troca de impressão entre os membros. Com ele pode-se trabalhar a conscientização da impressão que cada um causa, a forma como se percebem e a forma como são percebidos.

O jogo de cabo de guerra, onde uma parte do grupo fica na ponta de uma corda e a outra parte do grupo na outra, puxando a corda no sentido oposto ao do primeiro grupo, é útil para trabalhar situações-limite de risco e o esforço conjunto, além de explorar como se sentem em situações de competição.

As propostas anteriormente descritas para trabalhos individuais podem ser adaptadas também para o trabalho em grupo com igual proveito.

As técnicas aqui sugeridas são uma pequena amostra de propostas já desenvolvidas. Muitas outras são criadas diariamente no trabalho terapêutico, uma vez que qualquer intervenção pode ser considerada um recurso facilitador do processo do cliente.

O importante é não se perder de vista que o referencial do trabalho psicoterapêutico deve estar focado no cliente e na relação estabelecida entre te-

rapeuta e cliente, no aqui-e-agora do set terapêutico. As intervenções têm a função de facilitar a explicitação do sentido do cliente, seja ele criança ou adulto.

NOTAS

1. FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de. Apontamentos de aula da Formação em Psicologia Fenomenológico-Existencial do IFEN, módulo III, Psicologia Fenomenológico-Existencial, 1996.
2. Os dados de identificação serão suprimidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COREY, Gerald et alli. *Técnicas de grupo*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.
- FAGAN, Joen; SHEPHERD, Irma Lee. *Gestalt-terapia: teoria, técnicas e aplicações*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.
- FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de. Apontamentos das aulas e grupos de estudos. Rio de Janeiro: 1992 a 1997.
- OAKLANDER, Violet. *Descobrendo Crianças*. São Paulo: Summus Editorial, 1980.
- RIBEIRO, Jorge Ponciano. *Gestalt-terapia: Refazendo um caminho*. São Paulo: Summus Editorial, 1985.
- YALOM, Irwing D. *Existencial Psycoterapy*. USA, Basic Book, 1980.
- ZINKER, Joseph. *El Proceso Creativo em La Terapia Gestaltica*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1979.

Myriam Moreira Protasio é Psicoterapeuta em clínica particular na abordagem Fenomenológico-Existencial, membro fundadora do IFEN e tem formação em Gestalt-terapia pela Vita Clínica.

Técnicas do Psicodrama aplicadas à Ludoterapia na abordagem Fenomenológico-Existencial

Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa

PEQUENO HISTÓRICO DE JACOB LEVY MORENO E A PROPOSTA DO PSICODRAMA

O berço de Jacob L. Moreno foi uma família de origem judaica da Península Ibérica. Nasceu em Bucareste, Romênia, no dia 20 de maio, não havendo, portanto, consenso na literatura sobre o ano, variando de 1889, 1890 e 1892.

Contudo, havia para Moreno uma outra visão de seu nascimento – seu nascimento psicodramático. Ocorreria em um navio sem bandeira que rumava para um porto da Romênia.

Aos 4 anos imigrou para Viena onde viveu sua infância, adolescência e sua formação acadêmica em medicina com especialização em psiquiatria. Foi também palco de seus primeiros ensaios psicodramáticos. O primeiro ato psicodramático particular ocorreu aos 5 anos, quando, liderando a gurizada, propõe que todos estivessem no céu e ele seria Deus, tendo a sua volta os anjos. A cena foi montada com várias cadeiras empilhadas umas sobre as outras, sobre uma mesa, e este seria o lugar de Deus, que de lá do alto voaria. O desfecho da cena se deu com a fratura do braço direito do protagonista. O

faz-de-conta que faz parte do mundo virtual, vivenciado na ação, pôde promover à criança Moreno a constatação de seus limites e possibilidades, em seu mundo do real, onde se encontra concretamente inserido.

Estudioso de mitologia e grande conhecedor das antigas tradições religiosas da idade média, Moreno escolhia desvelar-se ao mundo recorrendo ao simbólico, que muitas vezes é por onde se percorre o trabalho terapêutico na ludoterapia. Tanto na mitologia, o nascimento dos príncipes era na maioria das vezes, lançados ao mar, e aureolados por grande magia, como nas antigas civilizações que glorificavam seus heróis, envolvendo-os em lendas. Neste mundo poético e religioso, a travessia do mar sugere que o homem, ao nascer, está lançado às contingências da vida, onde alguns poderão escolher a paixão e a emoção em detrimento da razão com a quebra do membro direito e a preservação da força do esquerdo.

Foi dentro de um contexto lúdico, dinâmico e apaixonado que Moreno traçou o projeto de sua existência.

Presenciou as duas Grandes Guerras, sofrendo, portanto, conseqüências de tal contingência histórica.

Assim como os principais expoentes existencialistas, vivenciou uma época conturbada cheio de questionamentos acerca de sua própria existência e da forma como a ciência explicava o fenômeno de ser. Desenvolveu suas idéias sob a influência da psicanálise e do marxismo, apesar de refutá-los, e dos moldes de uma ciência clássica e determinista.

Nos EUA teve uma ligação com o pragmatismo e o behaviorismo.

Filosoficamente sua obra sofreu influência do Existencialismo e também é bastante presente a influência das idéias de um movimento judaico do século XVIII, chamado Hassidismo.

Buscava compreender a existência humana na sua concretude e inserida em seu contexto, não podendo, assim, ser vista como objeto, essencialmente opunha-se a uma filosofia pautada no racional.

A proposta teórica de Moreno parte do pressuposto que o homem é um ser espontâneo por natureza (a priori), capaz de atuar criativamente diante das contingências da vida. Portanto, o núcleo fundamental teórico do Psicodrama é a criatividade e a espontanei-

dade. Tem como foco central “o homem em relação”, onde este é visto como um ser social porque nasce em sociedade e precisa do outro para reconhecer-se como tal, desenvolver sua singularidade e assim poder sobreviver.

Desenvolveu seu projeto de saúde mental preventiva através da utilização de técnicas psicodramáticas que objetivam estimular a ação criativa e espontânea nas relações interpessoais dentro de pequenos grupos, daí multiplicando-se até atingir a humanidade.

As primeiras constatações sobre suas idéias se deram com grupos de crianças nos Parques de Viena. Moreno, através de histórias que contava, estimulava as crianças a vivenciarem ativamente as dramatizações e a escolherem o curso e o desfecho do conto. Tanto suas idéias, como suas escolhas eram respeitadas, permitindo então que a imaginação e a criatividade fluíssem. O lúdico ganha nova dimensão. O jogo, o brincar é visto como mais uma possibilidade de estímulo para a manutenção ou também para a restauração da saúde mental do homem. Moreno atuava como agente facilitador de auto conhecimento, favorecendo a ampliação do leque de possibilidades do grupo, dentro de suas próprias demandas existenciais, através da ação dramática.

“Psicodrama pode ser definido como a vivência que explora a ‘verdade’ através de métodos dramáticos. Trata de relações interpessoais e de mundos particulares.” (J. L. Moreno)

Contendo um rico repertório de recursos técnicos, o psicodrama pode ser aplicado diversificadamente, como nas escolas, nas empresas, nas instituições religiosas e até nas militares, dependendo do objetivo que se queria alcançar, que pode ser de integração, de desenvolvimento das relações interpessoais, formação de equipes e auto conhecimento, como tantos outros.

Alguns pontos da teoria moreniana devem ser conhecidos para que suas técnicas possam ser utilizadas de forma correta e mais segura. Seus pontos são o método psicodramático e os momentos que constituem a vivência ou ato psicodramático.

O Método psicodramático utiliza-se de cinco instrumentos: cenário, protagonista, ego-auxiliar, diretor e público.

O Palco ou Cenário constitui o campo terapêutico do psicodrama ou sociodrama. É onde se constrói o contexto dramático e se opera com técnicas especiais. É o lugar da ação psicodramática onde o sujeito ou o grupo, vão ao encontro do desvelamento dos significados de suas vivências ampliando assim seu nível de consciência.

Protagonista, ator ou sujeito é o nome dado à pessoa cuja vida, ou aspecto dela, está sendo investigada através de uma vivência psicodramática. Emerge tanto escolhido pelo grupo como também pelo terapeuta, tendo a aprovação do grupo.

O grupo também pode ocupar o lugar de protagonista, sendo que o tema será a relação

grupal ou questões que aflijam todo o grupo.

O psicoterapeuta é chamado de diretor e vai coordenar toda a sessão psicodramática, tanto nos seus aspectos verbais, dramáticos como também psicológicos. O ego-auxiliar atua como ator, e representa papéis, é o interlocutor do protagonista. Público são os demais participantes da sessão psicodramática. Tem a função de dar respaldo afetivo ao protagonista.

Pode-se observar alguns momentos específicos na Ação psicodramática: o aquecimento, a dramatização e o compartilhar.

O Aquecimento consiste num conjunto de procedimentos que objetivam relaxar o grupo (incluindo o diretor), diminuindo o estado de tensão e ansiedade, facilitando assim a interação grupal para a vivência dramática. Tem importância primordial no processo.

É o momento em que emerge o protagonista e este se prepara para dramatizar. Auxiliado pelo diretor vai escolher a cena a ser dramatizada, construindo o contexto dramático, escolha de personagens que irão intervir.¹

A dramatização é a etapa em que ocorre a ação dramática propriamente dita. O protagonista devidamente aquecido começa a representar, no contexto dramático. É constituído pela realidade dramática no “como se”, pelo tempo fenomenológico, subjetivo, virtual construído sobre o espaço concreto devidamente marcado.

O processo terapêutico se dá

em muitas situações nas quais o diretor realiza suas intervenções terapêuticas, objetivando alcançar o *insight* dramático ou catarse de integração, facilitando o elucidamento e encaminhamento ou resolução do conflito exposto.

Após o desfecho da dramatização, volta-se para o grupo a fim de elaborar todos os aspectos do processo vivenciado, não só pelo protagonista como também por todos os membros do grupo. É o momento em que as vivências e as lembranças de cada um são expostas e elaboradas. Tanto protagonista como público são cúmplices de uma vivência que a partir deste compartilhar pertence não só ao protagonista que se expôs ao vivenciá-la, mas a todos, que de formas diferentes foram mobilizados como um todo; o diretor permanece atento, acompanhando e intervindo, quando necessário, a todo esse processo vivencial do grupo. Este momento no psicodrama é chamado de Shering ou compartilhar, sem o qual o processo psicodramático não se completa.

AS TÉCNICAS DO PSICODRAMA APLICADAS À LUDOTERAPIA

A práxis psicoterapêutica na abordagem Fenomenológico-Existencial tem como ferramenta básica de trabalho a linguagem, que é por onde todo o processo terapêutico vai se articular. Entretanto, o psicólogo que trilha este caminho fenomenológico e iluminado pelo existencialismo pode dispor de recursos técnicos advin-

dos de outras abordagens da psicologia, desde que tais recursos não se oponham aos princípios teórico-filosóficos que o fundamentam.

O Psicodrama é uma proposta teórica que possui um rico repertório de técnicas e apresenta pontos em comum com os conceitos existencialistas.

A práxis psicodramática é basicamente vivencial, levando o sujeito à ação, saindo do mundo da experiência, onde se dá a dicotomia sujeito-objeto, para um mergulho no mundo vivencial, onde a relação se faz única entre EU e TU. Assim, a possibilidade da utilização das técnicas do Psicodrama aplicadas à Ludoterapia poderá contribuir otimizando o que se tem de mais rico e abundante no processo terapêutico com crianças, que é o brincar, o jogo.

O convite à ação, a partir de dramatizações de histórias clássicas, inventadas ou situações do seu cotidiano, possibilitará ao psicólogo detectar e intervir nas vivências inautênticas que a criança apresenta, adotando a postura de facilitador na busca da autenticidade, onde a linguagem também é expressada pela ação e o sentimento pelo entendimento se articula no processo vivido.

Outro aspecto importante que deve ser considerado é a alternativa que se dá à criança de explorar formas diferentes de experimentar situações de seu cotidiano estimulando a utilização de todos os recursos disponíveis em seu meio, aumentando assim seu leque de

possibilidades e reconhecendo seu próprio horizonte.

Portanto, esta proposta deve ser vista como mais um recurso no processo de ludoterapia que objetiva facilitar a revelação do ser, que vai através da ação dramática estimular a expressividade e criatividade da criança na sua forma de perceber e relacionar-se com o mundo.

No desenrolar de uma vivência em que se utilizam técnicas psicodramáticas pode-se identificar alguns conceitos teóricos comuns à teoria moreniana e à fenomenológico-existencial.

Com relação à ação, tanto Moreno quanto Sartre posicionaram-se da seguinte forma: o homem se faz na ação. A partir desta constatação, Moreno formula a teoria da ação, na qual enfatiza o sentido da ação pela criação e pela espontaneidade com que, uma vez correspondendo aos verdadeiros anseios do sujeito, este possivelmente vislumbrará melhores condições do existir.

Para Sartre, o existencialismo é a filosofia da ação. “É na ação, no existir que se torna possível compreender a vivência humana. O homem não se constitui em potência mas sim em ato.” (Aristóteles).

A psicologia fenomenológico-existencial parte da crença de que o homem só toma consciência de si próprio a partir da relação que estabelece com o outro, da intersubjetividade. O foco central da obra de Moreno é o “Homem em relação”, e este é um ser social que nasce em sociedade e precisa do outro

para sobreviver e se reconhecer enquanto homem social.

M. Merleau Ponty afirma:

“O sentido do outro não tem o mesmo sentido para ele e para mim. Para ele são situações vividas, para mim situações apresentadas”.

Husserl descreve o método fenomenológico em dois movimentos, e ao primeiro denominou captação intuitiva, que é o primeiro sentimento que se dá na relação, antes de qualquer pensamento ou reflexão, enquanto que Moreno definiu tele como a capacidade de se perceber de forma objetiva o que ocorre nas situações e o que se passa entre as pessoas. Acrescenta também que é a percepção interna mútua entre dois indivíduos.

A criança, ao brincar, expressa seus sentimentos e o entendimento que dá às situações vivenciadas. É a partir dessa articulação que o terapeuta poderá avaliar se existe ou não harmonia entre as condições do existir, propostas por Heidegger.

O homem é livre para fazer suas escolhas, portanto é responsável pela construção de sua própria existência. E, à medida que ousa vivenciar novas possibilidades, amplia seu campo de atuação no mundo.

Para Moreno, Encontro

“exprime que duas pessoas não somente estão juntas, mas que elas se vivem, se apreendem, cada uma com todo o seu ser. Significa estar junto, unir-se, estar em contato corporal, ver e observar, tocar, sentir

partilhar e amar, compreender-se, conhecer intuitivamente através do silêncio ou do movimento, da palavra ou do gesto, tornar-se ‘um’”.

Na teoria Moreniana, o termo Criatividade é indissociável da espontaneidade. A espontaneidade é um fator que permite ao potencial criativo atualizar-se e manifestar-se.

Criatividade é a possibilidade de modificar ou estabelecer uma nova situação.

A revolução criadora que Moreno propõe é a de recuperação da espontaneidade e da criatividade através do rompimento com padrões de comportamentos estereotipados, com valores e formas de participação na vida social que acarretam a automatização do ser humano e o obscurecimento de sua consciência.

Na teoria de Moreno, Espontaneidade é definida como a capacidade de agir de modo “adequado” diante de situações novas, criando uma resposta inédita ou renovadora ou, ainda, transformadora de situações preestabelecidas.

Para Moreno, o 1º ato espontâneo do homem é o de nascer.

Moreno formula a hipótese de que a ansiedade é função da espontaneidade, onde quanto maior for o nível de ansiedade apresentado na conduta do sujeito, menor será a presença de espontaneidade.

Num sentido mais amplo, a espontaneidade faz parte de um autêntico encontro existencial do ser.

TÉCNICAS BÁSICAS DO PSICODRAMA

As Técnicas Básicas do Psicodrama fundamentam-se no que Moreno chamou de Matriz de Identidade, que está relacionada com o nascimento e desenvolvimento da criança.

1ª Fase:

A criança ainda não se distingue do mundo que a circunda, é totalmente dependente da mãe para sobreviver.

Técnica do Duplo

Descrição:

O terapeuta se expressa, clarificando para a criança os sentimentos que naquele momento ela não consegue expressar ou até mesmo identificar.

O terapeuta deve posicionar-se ao lado do cliente, e com a mão em seu ombro usa o pronome pessoal EU, ao fazer a intervenção clarificadora de vivência emocional. Deve adotar a postura corporal, o tom de voz, a forma peculiar de o cliente falar e se expressar, objetivando expressar ao máximo a sintonia emocional.

O DUPLO pode fazer perguntas, questionar sobre tais sentimentos e idéias a fim de que ocorra uma identificação por parte do cliente com o “seu duplo”.

Objetivos:

- ▶ Aprofundar a questão que se apresenta buscando o significado da situação vivida para a criança.
- ▶ Possibilitar a ampliação da

consciência, através da conscientização dos sentimentos apresentados na sessão de ludoterapia.

- ▶ Promover a autenticidade, onde pensamento, sentimento e ação estejam em harmonia e sejam verbalizados de forma clara.

Quando usar:

Esta técnica pode ser utilizada tanto individualmente como em grupo, e em qualquer etapa do processo terapêutico.

2ª Fase:

Nesta fase a criança começa a se separar do mundo e também a distinguir os objetos e pessoas. Estranha-se ao ver sua imagem refletida no espelho. Experimenta então reconhecer-se fazendo caretas...

Técnica do Espelho

Descrição:

O terapeuta toma o papel do cliente e atua, e este o observa fora da cena. A performance do terapeuta é a mesma do cliente no falar e na expressão. Logo a seguir, averigua-se com o cliente como este se sentiu ao ver como atua no mundo ou naquela situação.

Pode-se também atuar junto com o cliente, tendo atitudes ou fazendo gestos, ou até mesmo conduzindo-se da mesma forma nas situações, sem que seja revelada para o cliente a intenção do terapeuta.

Outra forma de se começar a usar esta técnica é apenas deflagrando expressões como: ba-

lançar de pé, pés contidos e muito juntos, mãos fechadas, testa franzida, forma de sentar-se, bocejos constantes etc., fazendo-se a seguinte pergunta: se este... falasse o que você imagina que estaria dizendo? ou o que você imagina que ele teria a lhe dizer?

Outra possibilidade é utilizar as mesmas estratégias que a criança usa em determinadas situações: para se sair bem, no jogo de memória, por exemplo, levanta rapidamente a peça sem pegá-la realmente, escolhendo outra. Na eminência da perda, estraga o jogo, desmanchando-o ou arranjando qualquer justificativa para parar.

Objetivo:

- ▶ Clarificar para o cliente suas contradições no que verbaliza, a forma como se expressa corporalmente e gestualmente.

Quando usar:

É necessário que o vínculo entre cliente e terapeuta já esteja estabelecido e esta técnica deve ser seguida de intervenções compreensivas. Pode ocorrer que o cliente se irrite sentindo-se perseguido.

Pode ser usado individualmente e em grupo.

3ª Fase:

Reconhecimento do outro

É o momento em que se começa a jogar com esses objetos e pessoas e a aprender a desempenhar um papel com eles. No desenvolvimento desse papel, há um momento em que

a criança consegue inverter o papel, ou seja, brinca com a boneca como sendo mãe desta e a trata como sua filha. Primeiro joga com objetos e depois inverte papéis com pessoas, como quando pega a chupeta ou a mamadeira e oferece à mãe; e mostra-se bastante feliz quando esta aceita.

Técnica da Inversão de Papéis

Descrição:

Esta técnica consiste em a criança (ou protagonista) tomar o papel do outro e este tomar o seu papel. Desta forma só há uma verdadeira inversão de papéis quando as duas pessoas estão presentes.

Objetivos:

- ▶ Proporcionar à criança a percepção de que é a partir do desempenho de papéis que o homem se relaciona com o mundo.
- ▶ Desenvolver a consciência de autoridade (o meu eu que se constitui através de um prolongamento do outro).
- ▶ Ampliar a consciência da criança para as diferenças individuais.
- ▶ Propiciar o desenvolvimento de inter-relações mais autênticas e saudáveis.
- ▶ Levar a criança a constatar o variado leque de possibilidades de papéis que se pode desempenhar na vida e também a variedade de modos como se pode fazê-lo.

Quando usar:

Pode ser usado tanto no processo de terapia individual como também no de grupo.

Outras técnicas:

O Psicodrama utiliza-se de vários recursos que poderão permitir à criança um maior desenvolvimento de suas capacidades, principalmente expressando-se através da ação de forma espontânea e criativa.

Solilóquio

Descrição:

Consiste em se pedir à criança que pense alto (como se fosse possível haver um alto-falante em sua cabeça), diante de situações que possa estar dramatizando ou descrevendo. É um “monólogo em situação”. A criança reflete em voz alta e associa livremente em torno da ação ou da representação dramática, onde ele se enriquece de pensamentos e sentimentos que não expressou no diálogo ou durante a dramatização.

Quando usar:

Esta técnica é mais indicada para crianças mais velhas.

Maximização

Descrição:

A proposta é pedir ao cliente que maximize um gesto, uma forma verbal, uma postura corporal que se apresente durante a expressão de seu conflito.

Exemplo de um caso:

Menina de 9 anos apresentava movimento estereotipado de

enrolar um chumaço do seu cabelo com os dedos e levá-lo ao nariz e logo em seguida à boca, de forma muito rápida. Numa dada sessão, ao constatar que havia sido deflagrada, promete não fazer mais. Ao contrário, é pedido que faça bastante vezes, e o mais rápido que puder.

A princípio fica desconfiada com o pedido, já que todos a recriminam pelo fato, mas logo depois atende. Faz repetidas vezes, velozmente. Quando é perguntado o que vem à sua cabeça, alguma lembrança, fica em silêncio e depois de algum tempo, lembra-se de suas chupetas que foi obrigada a largar...

Concretização

Descrição:

Consiste na materialização de objetos inanimados, emoções e conflitos, partes corporais e outros através de imagens, movimentos ou falas dramáticas. O terapeuta pede que o cliente lhe mostre concretamente o que estas coisas fazem com ele e como fazem.

Em grupo, os outros membros fazem o papel da concretização, na individual pede-se que o cliente tome o papel do concretizado e escolha algo para ficar em seu lugar simbolicamente.

Objetivos desta técnica:

- ▶ Ampliação da consciência.
- ▶ Utilização de indícios para se chegar ao sentido do conflito vivenciado pela criança

Trabalho com Imagens ou Esculturas

Descrição:

Consiste na produção de uma escultura ou imagem pela criança com qualquer material apropriado e disponível tendo como objetivo simbolizar o sentimento desencadeado pela situação vivida através da escultura. À partir dela, pode-se trabalhar de várias formas: invertendo papéis, fazendo solilóquio etc.. Pode ser usado como forma de facilitar o amadurecimento de sentimentos ou situações que estão confusos ou difíceis para a criança. Pode ser usada também como fechamento de uma sessão onde foram trabalhados conteúdos bastante significativos para o cliente.

Quando usar:

Esta técnica é mais apropriada para crianças mais velhas.

Exemplo de caso:

Menino com 10 anos em regime de internação semanal em clínica psiquiátrica. Apresentava problemas neurológicos, que acarretavam distúrbios de linguagem e aprendizagem. Sua expressão verbal era de difícil compreensão. De um modo geral, era cooperativo, amigável, não apresentando comportamentos agressivos desde de que não fosse estimulado agressivamente.

O trabalho desenvolvido no lugar de onde esta sessão foi retirada era de Socialização, e o espaço reservado para esses encontros era o quintal da clínica, local bastante agradável e arborizado.

Neste encontro todos os membros estavam presentes, em número de 8 meninos. Foi aproveitado pelos terapeutas o tema trazido pelo grupo, que era a possibilidade e a concretização de alguns frequentarem a escola tradicional. Pr. era um dos meninos que não vislumbrava tal possibilidade naquele momento.

Como seria a nova escola, o uniforme, material, os novos amigos, o que gostavam e o que não gostavam da situação foram questões levantadas, além de outras.

Pr. quase não se posicionou, apenas fazendo, vez ou outra, em virtude de sua desavença com o colega por causa de um brinquedo quebrado.

Pediu-se ao grupo que cada um, com os recursos de que dispúnhamos (caixa de sucata), montasse uma imagem de sua nova escola.

Pr. descreve sua obra como uma árvore que nasceu caída e por isso não daria frutos, e aí não servia para nada. Ao ser questionado pelos outros colegas sobre a escola, onde ela estava, respondeu que depois que arrancassem a árvore, iriam construir uma grande escola...

Átomo Social

Descrição:

Para Moreno o átomo social é o núcleo de todos os indivíduos com quem uma pessoa está relacionada emocionalmente ou que, ao mesmo tempo, estão relacionadas com ela.

Pede-se que a criança esco-

lha um membro do grupo ou, caso seja individual, algo no ambiente que a simbolize e posicione no meio do palco. Tendo sua posição como referência, deve-se escolher outros membros do grupo ou objetos que simbolizem os demais membros de sua família ou contexto em questão, localizando-os espacialmente de acordo com a distância afetiva que sente em relação a eles. Após colocadas todas as pessoas, animais ou coisas, pedir que a criança substitua a pessoa ou objeto que a simboliza e olhe em volta. Pedir que fale do sentimento ao se ver com estas pessoas à sua volta, o que sente particularmente por cada uma e imagine o que cada uma destas sente por ela e o que diria sobre ela se estivesse presente.

Caso a criança já consiga fazer a inversão de papéis, fazê-lo com todos os membros. Para se manter o aquecimento da vivência o terapeuta deve fazer perguntas como se estivesse conversando com aquelas pessoas sobre a criança. Ao final pedir que a criança se afaste da cena montada e, junto com ela, buscar os sentimentos e pensamentos que surgem diante do que é visto.

Para facilitar o engajamento da criança a este processo, o terapeuta pode utilizar consignas de brincadeiras como “Mamãe Mandou”, onde a distância entre a criança e quem ela traz pode ser feita através de “passos” (– quantos passos? – Dez passos de formiguinha, – Cinco passos de elefante...).

Objetivos:

- ▶ Visa explorar o contexto sociométrico que a criança tem como referência naquele momento.
- ▶ Pode ser utilizada logo no começo do processo terapêutico, objetivando avaliar o nível das relações estabelecidas por ela.
- ▶ Pode-se também detectar indícios de relações conflituosas entre membros da família e a criança.

Imagem da Família ou Átomo Sócio-Familiar

Descrição:

Pedir à criança que construa uma imagem de sua família com o material disponível. Ao final da construção o terapeuta deve explorar os aspectos da imagem como: o nome da imagem, como foi construir, o que levou a escolhê-la, se cada membro está definido, o que pensa sobre esta imagem, o que gostaria de dizer a ela, o que gostaria de mudar etc..

Objetivo:

- ▶ Exploração e conscientização dos sentimentos que a criança nutre por sua família.

O Outro me Apresenta

Descrição:

Pedir à criança que tome o lugar de uma pessoa que a conheça bem ou que esteja presente em suas questões, podendo também ser objetos, brinquedos ou animais seus. Neste

papel, o terapeuta pede que este se apresente e fale o que sabe e o que sente sobre a criança. Após finalizar a entrevista o terapeuta deve despedir-se da pessoa, agradecendo sua presença e então voltar a chamar a criança pelo seu nome iniciando assim a exploração da vivência com ela.

Objetivo:

- ▶ Averiguar a auto-percepção e a expectativa em relação ao que o outro pensa sobre si.

Fotografia

Descrição:

Consiste em trabalhar com fotos que a criança traga espontaneamente ou por solicitação do terapeuta. A criança falará da forma que quiser sobre as fotos, sendo estimulada a contar as situações e o sentimento vivido em cada uma. Pode-se pedir que escolha a que mais lhe agrada ou a que menos agrada e explorar o critério utilizado para a escolha. Outra alternativa é pedir que ela escolha uma foto significativa para ela e convidá-la então a montar a cena, ou fazer solilóquio da situação: o que você acha que estava pensando ou sentindo nesta hora? E as outras pessoas? E agora? etc..

Objetivo:

- ▶ Explorar cenas vividas pela criança, servindo como facilitadoras da expressão de sentimentos por pessoas e situações de seu cotidiano.

Jogo do Fantoche

Descrição:

Consiste em um diálogo entre dois personagens antagônicos, produto dos conflitos ou situações vivenciadas pela criança. A criança deve ter claro aquilo que está evitando, e o terapeuta então marcará com imagens de fantoches escolhidas pela criança o que encarnará a situação temida e a outra, a situação desejada. A criança travará uma conversa entre as duas situações, ou com uma das situações de cada vez, e o terapeuta entrevistará tais personagens assim como a criança diante da situação vivenciada.

Objetivo:

- ▶ Visa ajudar a enfrentar uma situação temida a partir da avaliação de seus possíveis desfechos e conseqüências.

Interpolação de Resistências

Descrição:

Consiste em montar a cena modificando radicalmente a atuação dos papéis complementares. Exemplo: uma criança constantemente se queixa da situação repetitiva e monótona na rotina familiar. A modificação do papel complementar é a oportunidade para que ela experencie sua capacidade para perceber, bem como para transformar, o que é decorrente de suas próprias atitudes, na inter-relação da qual se queixa. É bastante utilizada, porque são frequentes as brincadeiras que

propiciam que o terapeuta faça o papel complementar.

Objetivo:

- ▶ Possibilitar à criança a constatação da possibilidade de ampliação de seu leque de possibilidades e desenvolver a flexibilidade em sua conduta.

Psicograma

(REPRESENTAÇÃO DO PSIQUISMO ATRAVÉS DE IMAGENS GRÁFICAS - LUIZ DE MORAES A. SILVA FILHO)

Descrição:

Consiste na utilização do desenho combinado a outros recursos psicodramáticos em sessões de ludoterapia. É uma dramatização realizada com desenhos.

É uma técnica bastante aceita pois associa-se ao desenho, que é uma atividade corriqueira e fácil para a criança.

Objetivos:

- ▶ Ampliação da consciência.
- ▶ Facilitação do uso do recurso psicodramático sem necessariamente montar a cena, por limitações como tempo, espaço e indisponibilidade do cliente.

Torna-se importante chamar a atenção para algumas considerações, partindo do ponto de vista de que a técnica deve ser encarada e conseqüentemente usada como um recurso e não como fim.

Um dos alicerces da relação terapêutica é o respeito pelo limite do outro, portanto, a criança ou o grupo devem ser con-

vidados à ação e só a partir da aceitação por parte destes é que o trabalho deve ser iniciado. É para que isso ocorra, tanto cliente como terapeuta devem estar “aquecidos” para iniciarem a ação dramática, podendo assim caminharem juntos. É necessário que o terapeuta caminhe junto por toda a trajetória da sessão para que possa, quando necessário e possível, intervir, fazendo então, sucessivas reduções fenomenológicas (*époque*) e assim chegar ao sentido que o cliente atribui a sua vivência.

Por último, o manejo adequado da utilização do tempo, por parte do terapeuta, é extremamente importante, impedindo assim que situações mobilizadoras não possam ser devidamente manejadas em função do limitado tempo que se dispõe para tal vivência.

NOTA

1. É o mesmo processo e tem a mesma importância quando ocorre apenas com uma pessoa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Wilson Castelo. *Moreno: encontro existencial com as psicoterapias*. São Paulo: Ágora, 1990.
- BUSTOS, Dalmiro M. *O Psicodrama*. São Paulo: Summus, 1982.
- FONSECA, José S. Filho. *Psicodrama da loucura*. São Paulo: Ágora, 1980.
- GONÇALVES, Camila Sales. *Lições de Psicodrama*. São Paulo: Ágora, 1988.

MORENO, J. Levy. *Quem sobreviverá?* Goiás: Dimensão, 1992.

_____. *Psicodrama*. São Paulo: Cultrix, 1991.

_____. *Fundamentos do Psicodrama*. São Paulo: Summus, 1983.

_____. *Psicoterapia de grupo e Psicodrama*. Rio de Janeiro: Mestre Jou, 1974.

REVISTA DA SOCIEDADE DE PSICODRAMA DE SP. SOPSP, Ano IV, agosto 1992, nº 4.

SCHUTZENBERGER, Anne Ancelin. *O teatro da vida - Psicodrama*. São Paulo: Duas Cidades, 1970.

SOEIRO, Alfredo Correa. *Psicodrama e Psicoterapia*. São Paulo: Ágora, 1995.

WILLIANS, Antony. *Psicodrama Estratégico*. São Paulo: Ágora, 1994.

Maria Bernardete Medeiros Fernandes Lessa é Psicoterapeuta em clínica particular na abordagem Fenomenológico-Existencial, membro fundadora do IFEN, tem formação em Psicodrama pelo CPRJ-FEBRAP, consultora autônoma em Recursos Humanos e professora universitária.

Um estudo de caso: do psicodiagnóstico à psicoterapia infantil: Ludoterapia

Claudia Guimarães

As sessões terapêuticas reunidas neste artigo representam os passos fundamentais da atuação do psicólogo fenomenológico-existencial. São apenas uma pequena parte do que ocorreu no *setting* terapêutico, contudo a explanação se dá no sentido de concentrar os temas centrais, na visão da fenomenologia existencial na psicoterapia infantil.

A fenomenologia como método neste trabalho aborda a dinâmica da criança tal como se apresenta, possibilitando como ponto de partida a compreensão da vivência daquele ser que se revela imediatamente na relação.

Para encaminhar-se na direção do ser particular e concreto desta criança, fez-se importante ir de encontro a sua totalidade como ser e assim juntar todos os pedaços de sua experiência. Foi assim que teve início o trabalho de psicodiagnóstico de João. Neste trabalho, foram abordados os seguintes aspectos: inteligência, cognição, desenvolvimento psicomotor, dinâmica e estrutura familiar, relacionamento interpessoal, aspectos da personalidade e vivências afetivas e emocionais.

“O essencial não é aquilo que se fez do homem, mas aquilo que ele fez daquilo que fizeram dele”.

Sartre

A HISTÓRIA DE JOÃO¹

João chega ao consultório com a queixa de chupar e morder a língua até criar feridas, auto-mutilação, nervosismo e agressividade. O psicodiagnóstico foi solicitado pelo neuropediatra com o parecer de transtorno hiper-cinético de conduta, tiques e fobia.

João, segundo relato da mãe, foi criado muito preso. Queixase ainda de que João apanha muito na rua e apresenta um comportamento “estranho”, isto é, afeminado. A mãe revela conceitos rígidos, fazendo uma separação entre “coisas de mulher e coisas de homem”. A figura materna reage a esta situação de forma agressiva e o pai, de maneira omissa.

O PSICODIAGNÓSTICO

1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

Nome: JOÃO

Idade: 6 anos

Escolaridade: C.A - Alfabetização

2. INSTRUMENTOS UTILIZADOS:

- ▶ Entrevista de anamnese com os pais
- ▶ Entrevista psicossocial com os pais
- ▶ Sessões livres com a criança
- ▶ Teste projetivo Ômega
- ▶ Técnica desenho da família
- ▶ Teste gestáltico viso-motor
Lauretta Bender

3. MOTIVO DA CONSULTA:

A partir de diagnóstico médico, a criança apresenta transtorno hiper-cinético. Os pais relatam comportamento agressivo e auto-mutilação.

4. SÍNTESE DIAGNÓSTICA:

João apresenta bom desempenho escolar, não revelando dificuldade nessa área. Sua idade cronológica apresenta-se compatível com a idade viso-motora. Mostra dispersão, desatenção, apresentando dificuldade de concentração. Revela boa memória.

A dinâmica familiar revela-se desarmoniosa e com vínculos afetivos conflituosos. Demonstra uma estrutura de relação tensa e confusa, predominando a hostilidade, onde há acusações e desqualificações mútuas e diretas. Não há denominador comum sobre o controle das situações, gerando sofrimento e indefinição de papéis, principalmente da figura de autoridade.

A disciplina familiar se dá através da agressividade e da punição. João sente-se oprimido em relação à dinâmica familiar, respondendo de forma agressiva e através de comportamento egocêntrico, objetivando chamar a atenção. João revela dificuldade de respeitar as normas e a disciplina familiar.

Apresenta sentimento de rejeição e necessidade de proteção, estimando a aceitação da família. Demonstra conflito afetivo em relação à família, ora desejando a reestruturação, ora desejando a destruição da mesma.

Quanto ao relacionamento interpessoal, este parece não ter sido prejudicado pelo aspecto emocional. João revela harmonia com os muitos amigos que mantém em geral.

Em relação à área afetiva, João apresenta ansiedade, insegurança, agressividade e instabilidade emocional. Revela-se uma criança emocionalmente desestruturada. Frente às dificuldades e situações de conflito fica paralisado, não encontrando possibilidades para superá-las. A partir de tanta tensão emocional, a criança somatiza e auto-mutila-se.

5. RESPOSTA AO MOTIVO DA CONSULTA:

Sua agitação, auto-mutilação e o comportamento agressivo parecem estar diretamente relacionados a uma resposta em relação à dinâmica familiar tensa e conflitiva.

6. CONCLUSÃO:

João apresentou-se como o paciente psicoterapêutico que foi facilmente identificado. Contudo, a família como um todo demonstra desestruturação emocional.

7. INDICAÇÃO:

Tendo em vista a instabilidade e perturbação emocional da criança e a desestruturação da dinâmica familiar, indica-se

PSICOTERAPIA INFANTIL: LUDOTERAPIA e TERAPIA FAMILIAR.

Na devolução do laudo do psicodiagnóstico o casal concorda com o tratamento psicoterapêutico para João, contudo alegam dificuldade financeira para iniciarem a terapia familiar.

O PROCESSO PSICOTERAPÊUTICO - A LUDOTERAPIA

Sessão A

João chega ao consultório em sua primeira sessão de psicoterapia e escolhe.

J: Vamos jogar basquete.

T: Ok, vamos jogar basquete.

Revelava ansiedade, quando a terapeuta não acertava dizia: deixa que eu acerto para você.

T: Você quer jogar por mim.

J: É, você não acerta, deixa que eu acerto para você.

T: Então você quer acertar por mim.

Depois decide brincar de pintura a dedo. João faz uma casa toda preta, depois um sol amarelo e uma mulher de vermelho.

T: Você gostaria de falar do seu desenho para mim?

J: Esta vai ser a minha casa no futuro.

T: Esta será a sua casa no futuro.

J: É, e essa daqui é a minha mãe bem velhinha de cabelos brancos.

T: Esta é a sua mãe no futuro.

J: É, ela está indo me visitar, mas só que eu não estou em casa.

Este desenho de João apresenta-se expansivo, não respeitando os limites da folha.

Neste relato, João parece possibilitar uma projeção do futuro, onde se vê com uma vida independente da mãe.

Sessão B

Nesta sessão, João chega ao consultório extremamente agitado. Psicoterapeuta e cliente trabalham com pintura a dedo.

J: Vou desenhar os *Power Rangers*.

T: Ah, você vai desenhar os *Power Rangers*.

J: Vou, a que eu mais gosto é a de rosa.

Procura a tinta rosa e se dá conta de que não há esta cor na caixa.

J: Não tem tinta rosa.

T: É, não tem tinta rosa.

A terapeuta trabalha com João as suas possibilidades e a sua paralisação diante delas.

T: E agora?

J: Deixa para lá.

T: Você não vai mais desenhar porque não tem a tinta rosa?

J: Sei lá, vou desistir.

T: De que outras maneiras você poderia fazer o desenho ou então conseguir a tinta rosa?

J: Não sei.

Diante da sua dificuldade em enxergar outro modo de realizar o trabalho, a psicóloga amplia o seu leque de possibilidades.

T: Você já pensou que misturando as cores você conseguiria chegar à cor rosa ou então em usar outro material para fazer o que você quer?

J: Misturar as tintas?

T: Seria uma forma.

J: É, mas que cores?

T: Não sei, só tentando para ver. Você quer tentar?

J: Você tem certeza?

T: Não, não tenho, você quer experimentar?

J: Quero.

Então se diverte na mistura das cores, João e a terapeuta fazem várias tentativas e misturam as tintas. Até que na mistura do branco com o vermelho saiu a cor rosa.

J: Ah, tia Claudia, você é o máximo.

T: Eu não, você conseguiu o rosa com as misturas que você fez, eu só dei a idéia.

A terapeuta trabalha a responsabilidade de João pela sua própria construção, isto é, faz com que João reflita sobre ser autor do seu projeto, tornando ele mesmo consciente do leque de possibilidades à sua frente e dono de uma consciência intencional. A terapeuta só o ajudou a ampliar esta consciência.

Sessão C

Hoje João decide jogar o jogo da memória. Então montam o tabuleiro.

J: Eu vou começar.

T: Você vai começar.

João começa e quando a terapeuta vai jogar João não a espera e começa a jogar.

Na terceira vez, a terapeuta atua como o cliente, e não o espera.

J: Ah, tia Claudia espera, você não está me esperando terminar de jogar.

T: É, eu não estou esperando você jogar e você não me esperou jogar.

J: Então agora eu vou esperar você jogar e você me espera.

T: Você vai me esperar jogar e quer que eu espere você.

O objetivo da terapeuta com esta intervenção foi fazer com que João percebesse a sua maneira de atuar e se sentisse responsável por isso, bem como livre para atuar desde que consciente das suas possíveis conseqüências.

Depois, João decide brincar com os carrinhos.

J: Esses carrinhos são meus e esses são os seus.

T: Esses são meus e esses são os seus.

J: Você vai estacionar os seus carrinhos aqui e vai sair com esse.

T: Você quer que eu estacione os meus carrinhos aqui e saia com este.

J: É, tem que ser assim.

T: Parece que tudo tem que ser do seu jeito. Você escolhe os meus carrinhos e diz o que eu devo fazer com eles. É assim também com os seus amiguinhos?

A partir da situação que se apresenta no consultório, a terapeuta investiga a maneira de João atuar fora do setting terapêutico, verificando em que outras situações isto ocorre. O objetivo é fazer com que João reflita sobre o seu modo de ser e as conseqüências que isto pode lhe trazer em suas relações interpessoais. Viabilizando o seu auto-conhecimento, tornar-se-á possível mais uma vez trabalhar a responsabilidade pelas suas próprias escolhas.

J: É, eu que começo nas brincadeiras e decido tudo, só não começo quando é pique-esconde, porque aí tem que contar e procurar.

T: Você começa nas brincadeiras e decide tudo, mas quando é pique-esconde que você tem que contar e procurar você não quer. E se os seus amiguinhos não aceitam?

J: Aí eu saio da brincadeira.

T: Quando não é do seu jeito você sai da brincadeira.

J: É, eu falo que não quero mais brincar.

T: E então fica sem brincar com os seus amiguinhos.

Sessão D

Hoje João escolhe brincar de pega-varetas. Começa ganhando.

J: Vou colocar um zero aqui para você.

T: Você vai colocar um zero para mim, mas o jogo ainda não acabou.

Logo depois, João mexe algumas varetas e passa a vez para a terapeuta. A psicóloga pega várias varetas, porém de pontos mais baixos.

J: Quantas varetas você tem?

T: Dez, e você?

J: Nove, desisto não quero mais jogar.

João mostra-se paralisado frente à primeira dificuldade. O jogo ainda não havia acabado, contudo a ansiedade de João o impede de chegar ao final do jogo.

T: Você não quer mais jogar porque eu estou com dez varetas e você com nove, só que o jogo ainda não acabou, por que

não jogamos até o final, para ver quem vence?

J: Está bem.

O jogo continua e vale ressaltar que, embora a terapeuta tivesse mais varetas, João tinha mais pontos.

João então joga até o final e depois conta os pontos com a terapeuta.

J: Tia Claudia eu ganhei.

T: É você ganhou, mas se não tivesse jogado até o fim e tivesse desistido no início, você não saberia.

J: É verdade.

A ansiedade de João o impossibilita de vivenciar o tempo presente. João estava ansioso por viver o resultado do jogo, sem tentar chegar ao final do mesmo. Desta forma, a terapeuta o traz para a vivência do presente, mostrando que é na vivência do presente que João poderia agir e modificar o seu projeto. Além disso, a terapeuta trabalha a conscientização das possíveis perdas que vivencia quando se paralisa frente às dificuldades. Com isto, impulsiona João a arriscar-se em sua ação no mundo, ao invés de evitar a frustração ou evitação da mesma frente aos obstáculos.

Sessão E

J: Vamos brincar de carrinho.

T: Ok, vamos brincar de carrinho.

João pega a caixa de carrinhos.

J: Esses são os meus e esse são os seus.

T: Você escolhe os meus carrinhos e os seus.

J: É, você vai passar por aqui e estacionar ali.

T: Você escolhe o que eu devo fazer com eles.

J: É assim que tem que ser.

Nesta situação que se repete, a terapeuta atua de uma outra forma. Transgride as regras e observa a reação de João. Desta vez, trabalha a liberdade de escolha de João em conflito com a liberdade de escolha do outro.

T: É assim que eu vou fazer (a terapeuta não obedece os padrões impostos por João).

J: Tia Claudia, eu já não falei que não é assim?

Pega os carrinhos da terapeuta com raiva e começa a bater neles.

T: Você está batendo nos carrinhos, parece estar com raiva.

J: Estou sim.

Então pára e conversa com os carrinhos.

J: Está tudo bem? (pergunta aos carrinhos)

J: Então toma! (dá mais pancadas nos carrinhos)

T: Você está com raiva mesmo.

João então se acalma como se nada tivesse acontecido e diz: vamos brincar de outra coisa.

Parece claro, nesta situação, que quando os sentimentos e atitudes da criança são expressos através das palavras, dos brinquedos e das atitudes, a experiência pode ser encarada objetivamente e desta forma trabalhada no aqui-e-agora.

A experiência terapêutica é uma experiência de descoberta e portanto de crescimento, que permite que a criança evidencie

o seu modo de ser no mundo e com os outros. Nesta situação, foi dada a João a oportunidade de experimentar no *setting* terapêutico a vivência dos seus sentimentos e por assim dizer de se libertar de suas tensões, se desfazendo por consequência dos seus sentimentos perturbadores e, assim fazendo, de ganhar uma compreensão mais ampla de si mesmo em suas relações. Através desta experiência na ludoterapia, João vai descobrindo a si mesmo como uma pessoa livre e responsável por sua liberdade. Além disso, tirará o véu de novos caminhos que lhe permitam uma nova possibilidade de ser no mundo e em seus relacionamentos interpessoais.

Na mesma sessão ocorre uma situação similar. Escolhe jogar pega-varetas.

J: Eu começo.

T: Você sempre que começa.

J: Eu gosto de começar.

T: Você gosta de começar. Eu gostaria de começar desta vez.

J: Não, eu vou começar.

T: Você gosta de começar, eu gostaria de começar e você vai começar.

Então João começa.

Durante o jogo, João pega a vareta preta.

J: A vareta preta vale mil pontos, ganhei o jogo.

T: Você pegou a vareta preta e agora ela passou a valer mil pontos.

J: É.

Na outra partida eu pego a vareta preta.

T: Já tenho mil pontos, ganhei o jogo.

J: Ah tia Claudia não vale, devolve aqui.

T: Valeu para você e não vai valer para mim.

J: É, essa daí agora só vale cem pontos.

T: Então as regras são diferentes para nós dois. Para você a vareta preta vale mil pontos e para mim cem pontos.

J: Eu não quero mais brincar disso não, devolve aqui, vamos guardar.

Então, em outra situação a mesma dinâmica se repete e a terapeuta novamente trabalha o modo de ser de João na relação, isto é, a sua postura egocêntrica.

Sessão F

Nesta sessão João decide fazer trabalhos com recortes e colagens. O mais interessante é que João conseguiu ficar a sessão inteira fazendo uma mesma atividade, o que é surpreendente.

J: Tia Claudia, eu vou te ensinar a fazer envelope.

T: Ah, você vai me ensinar a fazer envelope.

J: É (mostrou como se faz).

T: Ficou um barato esse envelope. Sabe, existem outros tipos de envelope, que tal se nós tentássemos fazer outros modelos de envelope?

J: Essa idéia é legal.

Assim, terapeuta e cliente constróem juntos outros envelopes.

João até aquele momento só enxergava uma possibilidade de construir envelope e a terapeuta amplia mais uma vez o seu leque de possibilidades, crian-

do com a criança vários outros tipos de envelope. João demonstrava fascinação em descobrir coisas novas.

Com a experiência terapêutica, espera-se que João não só consiga ver novas possibilidades na sala de brinquedos com a terapeuta, como também perceba outras formas de ser e de agir em sua vida cotidiana.

Durante este trabalho, a terapeuta dá uma sugestão à João.
T: Que tal se nós enchêssemos cada envelope com recortes e desenhos e déssemos para alguém?

J: Eu vou dar o meu para a pessoa que eu mais gosto.

T: Você gostaria de falar dessa pessoa.

J: É você tia Claudia.

T: Ah, para mim.

J: É para você, e você tia Claudia, vai dar o seu para quem?

T: Eu vou dar o meu para uma pessoa que eu gosto muito.

J: Quem?

T: No final você vai saber.

Então João enche o seu envelope de coisas: foto de praia, comida, flores, carros, aviões etc..

J: E você tia Claudia, não vai encher o seu envelope?

T: Você quer que eu encha o meu envelope como o seu?

J: Não, eu só queria saber.

T: No final, quando eu terminar eu te digo.

João fica intrigado, mas continua a encher o seu envelope.

J: Vamos tirar par ou ímpar para ver quem fala do envelope primeiro.

T: Você quer tirar par ou ímpar para ver quem começa.

J: É.

A terapeuta começa.

T: O meu envelope eu vou dar para uma pessoa que eu gosto muito e essa pessoa é você. Aqui tem um coração em branco e uma foto com as quatro estações do ano. O coração em branco é para você preencher com as coisas que você mais gosta, que mais te agradam e só você poderá preencher. As quatro estações são as diferenças, as mudanças e o quanto é difícil diante de tantas coisas diferentes saber qual você iria gostar mais, então eu coloquei todas as estações: primavera, verão, outono e inverno. Qual a que você gosta mais?

J: Outono.

T: Está vendo, diante de tantas estações é muito difícil saber a que você iria gostar mais, só você poderia saber, então eu recortei todas para você.

A atuação da terapeuta mostra que ela não pode escolher por João, trabalha assim a liberdade e responsabilidade por suas escolhas e por si próprio.

Além disso, João poderá construir diante do nada (representado pelo coração vazio) e das possibilidades (as estações do ano) o seu próprio referencial e seu modo de viver, que é acima de tudo singular.

João pega o envelope feliz.

J: Obrigado tia Claudia, eu adorei, em casa eu vou colocar coisas no meu envelope que eu gosto.

T: Eu gostaria de ver, se você

quiser traga-o para mim, assim vou te conhecer cada vez mais.
J: Eu trago sim. Agora eu vou dar o seu. Eu coloquei muitas coisas, eu não sei se você vai gostar.

Então começa a falar das fotos: praia etc..

T: Ah eu gostei muito do envelope que você me deu e das coisas que estão dentro dele.

Sessão G

uma nota importante sobre uma das orientações feita com os pais.

Mãe: João está mais calmo, só fica agressivo quando a gente bate nele ou quando os amigos o provocam.

T: Nessas situações a resposta de João parece adequada, pois há motivo para reagir de forma agressiva.

Pai: É, ele melhorou bastante.

Mãe: Quanto a isso tudo bem, o problema são essas manias dele, esse jeito estranho que eu não gosto.

T: Que manias, que jeito estranho?

Mãe: Dançar funk, dançar rebolando na boquinha da garrafa, brincar de boneca com a Michele. Agora eu estou cortando tudo isso, não quero mais ele andando com menina, se não ele fica com essa manias. Vai acabar virando bicha. Você acha que é a melhor solução?

T: Isolar João do seu convívio social, como dançar, brincar com meninas, só vai prejudicá-lo na sua troca com o meio. Hoje você o isola da companhia feminina, amanhã não poderá isolá-lo da companhia masculi-

na, nem impedi-lo de fazer escolhas. Futuramente João decidirá sobre a sua opção sexual. Você não acha cedo para rotular como homossexualismo a conduta de João?

Pai: Eu concordo com a Claudia, você dá uma dimensão grande a esse assunto.

Mãe: Eu chamo a atenção dele porque eu me preocupo com a vizinhança, o que as pessoas vão falar desse jeito de bichinha.

T: Você está preocupada com a crítica dos outros?

Mãe: É, eu me preocupo, eu estou muito nervosa, de qualquer forma eu vou pensar nas coisas que você me falou.

Esta sessão com os pais merece comentário especial, pela função que exerce nos padrões de masculino e de feminino da criança. João sofre pressões da mãe, que revela uma postura machista, em conflito com as transformações sociais. Um dos membros do grupo que dança a música da boquinha da garrafa é um homem e João fica perdido mediante referenciais tão distintos. Mais tarde isso aparecerá em sua fala, marcada pelo preconceito até de cores, como por exemplo, cores de mulher: rosa, vermelho, entre outras; e cores de homem: azul, verde e outras. A terapeuta de qualquer forma tenta conscientizar a mãe quanto ao rótulo que ela mesma dá ao filho.

Sessão H

Na sessão seguinte, João leva o envelope que a terapeuta lhe deu, preenchido com as coisas de que mais gostava.

J: Tia Claudia, eu trouxe o envelope para você ver as coisas que eu mais gosto. Eu gosto dos *Power Rangers*, da Barbie, de flor, de desenho, de boneco etc..

T: Ah, que legal, agora eu sei realmente das coisas que você mais gosta.

Foi interessante perceber o interesse de João em falar dele, das coisas de que mais gostava para a sua terapeuta. Pareceu extremamente importante para João compartilhar esta vivência, falar das próprias escolhas e do seu referencial. Ele mostra que de fato quer cada vez mais dar a mão a sua terapeuta nesse trilhar e levá-la para conhecer o seu mundo. Mostrava confiança e segurança ao fazer isto.

J: Vamos jogar dama.

T: Ok, vamos jogar dama.

Na última partida, a terapeuta perde.

J: Vou te dar mais uma chance.

T: Você quer me dar mais uma chance.

J: É.

T: Quando você perdeu eu não te dei chance.

J: Mas eu vou te dar.

É interessante perceber que João começa a vivenciar a sua singularidade quando deixa entendido: você não me deu, mas eu vou te dar uma chance.

Começa a se dar conta da sua vivência concreta e particular, emergindo das coisas que estão aí, saindo da generalização, do impessoal e buscando sua própria singularidade no mundo. Assim inicia uma busca pela autenticidade.

J: Eu trouxe para você essas

figurinhas da Barbie que eu coleciono. Você gosta?

T: Ah, sim, são lindas.

J: Aonde você vai colar?

T: Na minha agenda.

J: Então pega a agenda que eu colo para você.

T: Você gostaria de colar para mim?

J: É, posso colar para você?

Nessa pergunta, percebe-se que João começa a se relacionar de forma a se posicionar, e ao mesmo tempo, respeitando a liberdade do outro, o que pode trazer benefícios em seus relacionamentos.

T: Sim, pode, deixa eu escolher um lugar. Pode colar aqui.

Então João cola as figurinhas.

Cabe comentar sobre o *feedback* dos pais durante as orientações, onde relatam que João tem melhorado sensivelmente em relação a sua ansiedade, a sua auto-mutilação e a sua agressividade.

Sessão I

Nesta sessão, João escolhe desenhar.

J: Vamos desenhar.

T: Vamos. E já que você quer desenhar eu tenho uma sugestão. O que você acha de a gente desenhar o que gostaríamos de ser como bicho, por exemplo, se eu fosse um animal, que animal eu seria? Se eu fosse um carro que carro eu seria? Então a gente vai desenhando e falando dos nossos desenhos. O que você acha?

J: Legal tia Claudia. Vamos desenhar.

T: Vamos. Qual que a gente vai fazer primeiro?

J: Um animal.

João desenha um esquilo.

T: O que no esquilo faz lembrar você?

J: Porque eu adoro subir em árvore, do jeito dele brincar e ele gosta do que ele come.

T: Então você seria um esquilo porque gosta de subir em árvore como ele, gosta do jeito dele brincar e você também gosta do que você come.

J: É, e o esquilo é divertido e eu também o gosto.

Depois desenha um carro.

T: Ah, você seria um carro quadriculado, preto e vermelho.

J: É, porque eu adoro andar pela rua, passear de noite, ver corrida, correr. Eu gosto de quadriculado de preto e vermelho.

T: Você, como carro, gostaria de ser um carro quadriculado de preto e vermelho e passear e correr pela rua.

J: É, mas eu não faria isso porque as pessoas iam rir de mim.

T: Então você não andaria como esse carro na rua porque as pessoas iam rir de você.

J: É.

T: Você deixaria de fazer o que gosta para as pessoas não rirem de você. O que te faz achar que elas vão rir?

J: Porque ninguém tem um carro assim.

T: Então se ninguém tem, você também não pode ser diferente.

J: Eu ia ficar com vergonha.

T: Com vergonha de passear com o carro de que gosta.

J: Das pessoas falarem que eu sou ridículo.

T: Então você ficaria preocupado em ser chamado de ridículo.

J: É, mas eu não ia ligar não.

João mostra a ambivalência, caracterizando a inautenticidade, em que o seu sentimento, linguagem e ação não se mostram articulados.

Neste discurso, João se perde no anônimo, no impessoal, preocupado em fazer o que todo mundo faz. A terapeuta trabalha a sua autenticidade, em busca do seu próprio referencial.

T: E se você fosse um móvel de casa?

J: Isso eu não seria porque móvel é estátua e eu não gosto de ficar parado.

Vale lembrar que João veio com o parecer do neuropediatra de transtorno hiperkinético. Em sua fala, mostra autoconhecimento.

T: Você não gosta de ficar parado.

J: É, e se eu fosse um boneco (ele mesmo pergunta e responde)? Eu seria o He man.

T: Ah, você seria o He man.

J: É, eu adoro lutar, ficar de sunga, de bota, de colete, metralhadora, ficar sem camisa, gosto de cabelo grande.

E você tia Claudia, que boneca você seria?

T: Ah, eu seria a Lu Patinadora.

A terapeuta participa da brincadeira a partir da solicitação de João, reforçando o vínculo e contribuindo para que João se revele cada vez mais.

J: Ah, vamos fazer agora com o fundo do mar?

T: Se fosse algo do fundo do mar?

J: É.

T: Está bem.

João faz o seu desenho.

T: Você gostaria de falar sobre o que você seria do fundo do mar?

J: Eu seria o pai da Ariel. Ele faz festas no fundo do mar, lá tem lugar gelado, camarão (João é proibido de comer camarão, pois é alérgico), ele nada e manda no mundo inteiro, faz chover, faz sol, ele manda no mar inteiro.

T: Então você gostaria de ser ele para mandar no mundo inteiro, fazer chover, fazer sol, fazer festas.

J: Ah, eu queria.

T: Mas, já que você não é o pai da Ariel, o que você pode fazer sendo você mesmo?

J: Eu posso fazer festas, posso nadar, posso me fantasiar de sereia.

A terapeuta trabalha com João as suas possibilidades concretas, e portanto o limite das situações. Na realidade as coisas que coloca não estão dentro das suas possibilidades de realização, mas o que poderia estar ao seu alcance

Sessão J

Nesta sessão cabe ressaltar que João tem obtido progresso, mostrando-se calmo, tranqüilo e com grande diminuição de sua carga de ansiedade. Jogamos dama e foi importante poder perceber que João parava para raciocinar a cada jogada, observando e se concentrando, o que parecia impossível nos nossos primeiros encontros.

J: Eu brinco com o meu irmão de dama, mas ele não sabe direito.

T: Ah, você brinca com ele de dama, mas ele não sabe direito.

J: Às vezes ele me enche o saco, mas eu gosto dele.

Ao final da sessão escreve no quadro João e Tadeu.

João começa a recriar significados do seu relacionamento com o irmão; o que antes parecia inviável, hoje é possível: sentar para brincar junto.

Depois faz referência ao sentido que dá às cores, de mulher e de homem, diferenciando-as.

J: Massinha vermelha nas suas peças e verde nas minhas.

T: É verdade, as minhas peças estão com massinha vermelha e as suas com massinha verde.

J: É porque vermelho é cor de mulher e verde é cor de homem.

T: Então existem cores de mulher e cores de homem.

J: É.

T: Então homem não pode usar vermelho e mulher não pode usar verde.

J: Vamos jogar tia Claudia.

João não revelava disposição em mexer nesta questão, portanto o seu momento, bem como a sua escolha foram respeitados pela terapeuta.

Sessão L – outra orientação de pais

Desta vez a mãe traz um fato novo: a presença de Michele, a prima de João no mesmo turno de aula, contudo em turma diferente. Conta que João tem sentido ciúme exagerado da prima.

T: O que o leva a sentir ciúme da Michele?

Mãe: Ele tem estado desorganizado com os cadernos, sua

leitura piorou e ela só tira dez, lê muito bem. A verdade tem que ser dita.

T: De que forma você se comporta em relação a isso?

Pai: Ela elogia a Michele o tempo todo na frente de João, agora diz para Claudia o que você diz ao João.

Mãe: Às vezes eu fico nervosa com ele.

Pai: E diz que ele é burro, que não sabe ler.

T: Parece então, Valéria, que você tem contribuído para o ciúme de João com as suas atitudes.

Mãe: É, eu sei que eu tenho que ter mais calma com ele, eu vou pensar nisso, talvez eu esteja mesmo reforçando esse ciúme.

A mãe sempre quis uma filha menina, quando João nasceu, num primeiro momento, apresentou sentimentos de rejeição, alegando que a criança estava trocada no hospital. Mesmo em sua segunda gravidez não conseguiu uma menina.

Os pais têm apresentado divergências em relação à educação de João. Trabalho a questão da comunicação entre eles. A mãe acha que o pai protege o João. O pai acha que João não pode bater no irmão porque é menor.

De forma geral, os pais relatam que João tem apresentado melhoras em casa e em seus relacionamentos mostra-se mais flexível. A sua relação com o irmão melhorou. Os pais, juntamente com João, também vêm crescendo. O crucial é o esforço que vem sendo feito a no com-

prometimento com a psicoterapia e com a orientação de pais.

Sessão M

Nesta sessão, mãe pede para falar comigo antes de João entrar. Peço autorização a ele. João permite.

Mãe: João hoje está muito agressivo, bateu nos primos, no irmão e me desafiou e eu bati nele. Isso é normal?

T: Interessante Valéria, quando você o trouxe aqui, uma das queixas era de que João apanhava de todo mundo e hoje ele bate.

Mãe: É, mas ele saiu de um extremo para o outro.

T: É normal que isso aconteça, assim como ele teve a possibilidade de sair de um extremo para o outro, ele também terá a possibilidade de encontrar para si uma situação de equilíbrio. Tudo isso, Valéria, faz parte de um processo de descobertas e transformações e é importante que nós possamos respeitar o ritmo de João. É como arrumar o armário, ele está tirando tudo de dentro do armário e arrumando ao seu modo. Então vamos permitir que ele faça isto no seu tempo.

Mãe: Obrigada Claudia, agora eu estou mais tranqüila, eu me questionei hoje se eu deveria trazê-lo, mas quando fui falar com ele, ele disse que viria de qualquer jeito, que ele gostava de vir aqui e eu não podia impedir.

Então João entra e dá uma figurinha da Barbie para a terapeuta e a abraça como de costume.

J: Vamos jogar este.

T: Você quer jogar Top letras.

J: É.

Com criatividade e perspicácia João constrói as palavras. Tenta criar palavras que não existem, troca letras, pede letras emprestadas.

T: Eu acho que essa palavra não existe.

J: Existe sim.

T: O que é que ela significa?

J: Ah não sei tia Claudia.

T: Mesmo não sabendo você quer montar esta palavra.

J: A gente pode inventar.

T: Ok, então a gente pode inventar palavra.

J: É.

A terapeuta pretendeu conscientizar João de que estava transgredindo as normas do jogo que ele mesmo se propôs a jogar. Quando ele argumenta com a terapeuta e revela o desejo de inventar, ele mesmo cria uma nova possibilidade no jogo.

Então decide jogar pega-varetas. Pega as varetas e joga.

J: Primeiro as damas.

T: Você quer que eu comece.

J: É.

J: Não valeu, elas estavam muito separadas, vou jogar de novo.

Pega as varetas e joga-as de novo da mesma maneira.

J: Agora eu vou começar.

T: Não vale, elas estão muito separadas.

J: Vale sim.

T: Não valeu para mim, só vale para você.

J: É.

T: Parece que tem que ser como você quer. É assim também com seus amiguinhos?

J: É, mas até que eu estou melhor, mas tenho fama de mandão.

T: E como é ter esta fama de mandão?

J: Às vezes é bom, às vezes não, sou assim também em casa com a minha família. Às vezes! Vamos jogar.

João não permite a continuidade da conversa. Contudo, o importante é que hoje João percebe a si mesmo e assume responsabilidade pela construção que faz de si mesmo. Cabe a ele a decisão de transformar isso ou não.

Sessão N

A terapeuta sugere hoje que João desenhe o seu próprio mundo, como ele é.²

J: Eu adoro desenhar, na escola eu fiz um desenho só assim (mostrou com formas geométricas) e ficou lindo. Os desenhos mais bonitos vão para o mural da escola e o meu foi.

T: Como você se sentiu quando o seu desenho foi para o mural?

J: Ah, eu fiquei muito feliz.

Enquanto desenhava, comentava sobre o desenho do seu mundo.

J: O desenho está todo sujo, está feio.

T: Você acha que o seu desenho ficou sujo e feio.

J: É, está sujo, mas não tem problema, eu não vou mostrar para ninguém mesmo.

T: E se mostrasse, o que poderia acontecer?

A terapeuta trabalha com João então o risco de aventurar-se, de ser no mundo em sua totalidade.

J: As pessoas vão rir de mim, aí eu também vou ter que rir delas.

T: Por que você acha que elas vão rir de você?

J: Por causa do desenho sujo, vão me sacanear.

T: Você só mostra então os desenhos limpos e bonitos, se não vão te sacanear.

J: Nem sempre, mas eu gosto de mostrar os desenhos bonitos para não me sacanearem. Outro dia na escola, uma garota me sacaneou com uma resposta e eu respondi também, se me batem, eu bato também. Nem que seja o meu irmão pequeno com um tapinha na bunda, eu tenho que devolver.

João mostra preocupação com a crítica e o juízo do outro. A terapeuta vai trabalhando a sua preocupação com o outro e promovendo de certo modo o risco.

Nesse momento, João havia pedido a terapeuta que desenhasse um homem e uma mulher, olha para o desenho e diz: por que você não coloca um clima romântico, faz eles num lugar romântico.

T: Você quer que eu faça eles num lugar romântico.

J: É.

T: Que lugar?

J: Assim, olhando o mar.

T: Você quer que eu os desenhe olhando para o mar.

A terapeuta desenha, conforme a solicitação de João.

J: Ah, tia Claudia, agora pinta.

A terapeuta começa a pintar a calça do homem de azul.

J: Tia Claudia, por que é que você sempre pinta a roupa de homem de azul?

T: Na verdade João, eu nunca desenhei para você antes um homem de roupa azul, mas este eu estou desenhando.

Propositalmente, a terapeuta pinta a camisa do homem de rosa.

J: Não, homem não usa roupa rosa, vai ser chamado de bicha.

A terapeuta trabalha a situação na personalidade, na vivência particular e concreta de João.

T: Você não usa roupa rosa?

J: Não, só em casa, se não vão me chamar de bicha na rua.

T: Então, você só usa roupa rosa em casa, se não vão te chamar de bicha na rua.

J: É.

T: Ninguém nunca te viu de roupa rosa?

J: Só um amigo meu que foi lá em casa, mas ele não contou para ninguém.

T: E se ele contasse?

Terapeuta investe em trabalhar o risco com João.

J: Ele não vai contar.

T: Engraçado, eu conheço homens que usam roupa rosa e não são bichas, o meu marido por exemplo usa camisa rosa; e conheço bicha que usa roupa azul.

Neste momento, terapeuta dá um auto-relato ao cliente visando trabalhar a singularidade frente à generalização.

J: Mas rosa é cor de mulher, existem cores de mulher e cores de homem, tem cores, cinza e preto, que os dois podem usar. Rosa é de mulher, azul e verde é de homem.

A terapeuta volta em sua intervenção.

T: Eu conheço bicha que usa azul e conheço homens que usam rosa.

J: Eu não uso.

T: Ah, então você não usa.

João quando diz isso, ele próprio sai da generalização e percebe-se singular, afinal é ele quem não quer usar.

Olha para o desenho da terapeuta e percebe algo mais fora de seus padrões.

J: Ah, tia Claudia, você pintou o vestido dela de verde, tinha que ser rosa.

T: É eu pinte de verde, sabe que eu gosto de usar verde.

J: Tudo bem, o desenho é seu mesmo.

Então João percebe-se singular e começa a respeitar a singularidade do outro também, neste caso o referencial da terapeuta.

Sessão 0

Hoje a terapeuta sugere a João a técnica da roseira.³

T: Eu tenho uma brincadeira que é de faz de conta. Você quer brincar?

J: Como é?

T: É assim, você fecha os olhos e imagina que é uma roseira (João fecha os olhos). Então como é a sua roseira, grande, pequena, como ela é, quem cuida dela, onde ela mora... (continua a estimulação com as consignas) PAUSA. Agora desenhe a roseira que você imaginou que seria.

Com a roseira já desenhada, cliente e terapeuta conversam.

T: Então, você gostaria de falar de que tipo de roseira você é?

J: É uma planta, a minha planta

é daquelas que vão crescendo, crescendo e sobem em tudo. Ela vive dentro de casa.

Interessante o comentário de João sobre a sua planta, que vai crescendo, crescendo.

T: E quem cuida dela?

J: A minha mãe e ela está indo para o outro lado, eu desenhei errado.

T: Ah, a sua mãe cuida de você, mas ela está indo para o outro lado, você desenhou errado.

J: É.

T: Mais alguém cuida de você?

J: Eu não desenhei, mas tem outras pessoas que vivem aqui, meu pai e meu irmão.

T: E a sua planta gosta de que tempo?

J: De chuva.

T: Ih, eu estou vendo um sol aqui.

J: Gosta dos dois. Agora vamos desenhar um animal.

T: Você quer desenhar um animal?

J: É, o que você acha?

T: Acho legal.

J: Então vamos.

João desenha um tigre.

T: Você quer falar do animal que desenhou?

J: Eu queria ser um tigre, porque ele é todo pintado.

T: Ah, você gostaria de ser um tigre porque ele é todo pintado. O que é isso? (a terapeuta pergunta apontando para as grades que parecem de uma jaula).

J: É uma jaula.

T: Você vive dentro da jaula?

J: Eu não gosto de ficar dentro da jaula, eu fujo dela. Vamos jogar, vamos jogar.

João não permite continuidade ao assunto. Lembrando

do tigre inicial, quando revelava um desejo de destruição da família, agora o tigre tem outro significado.

Sessão P

Hoje, João chega, pega uma folha e diz: vamos desenhar?

T: Você quer desenhar?

J: Quero que você desenhe comigo também.

T: Você quer que eu desenhe com você também.

Então João faz vários rabiscos no papel, rabiscos coloridos. João parecia extremamente satisfeito em rabiscar o papel, porém o fazia com agressividade.

A terapeuta arrisca:

T: Você parece estar com raiva.

J: É, sempre que eu fico com raiva eu gosto de desenhar.

T: E agora, você está com raiva?

J: Agora não, mas é muito bom fazer isso.

Então terapeuta e cliente fazem rabiscos em papel durante toda a sessão.

Ao final, João pede à terapeuta: me dá o seu desenho?

T: Dou.

J: Então escreve uma mensagem atrás para mim.

T: Você quer que eu escreva uma mensagem atrás para você?

J: É, você escreve?

T: Escrevo sim.

A mensagem da terapeuta para João: “Com carinho para o meu cliente. Te gosto muito. Beijos da sua psicoterapeuta. Claudia.”

Enquanto isto João desenha uma caixa em formato de

coração e dá à terapeuta junto com os seus rabiscos e uma mensagem.

J: Eu adorei o que você escreveu, eu te amo muito, obrigado.

T: De nada, você conquistou isto, fico feliz que você tenha gostado.

João abraça a sua terapeuta e vai embora, parecia feliz. O desenho, o rabisco, enfim todas as formas de expressão possibilitam à criança a revelação daquilo que sente.

Cada vez mais João revela segurança e menor carga de ansiedade.

O vínculo entre João e a sua terapeuta mostra-se tão fundamentado e delimitado, que foi possível sem receio que a terapeuta dissesse a ele o quanto ela gostava dele.

Sessão Q

João decide nesta sessão brincar com as sucatas.

J: Vamos brincar com essas coisas (pega o saco de sucatas).

João pega a caixa de ovo de isopor.

J: A gente pode fazer um computador, essa parte é de escrever (mostra referindo-se ao teclado).

T: Você gostaria de montar um computador.

Mexe no saco de material.

J: Tive uma idéia melhor, você faz um presente para mim e eu faço um para você.

T: Você quer que eu faça um presente para você e você vai fazer um para mim.

J: É.

T: Está bem.

Então com o material disponível, terapeuta e cliente fazem em parceria, visto que João solicitava, pedia opiniões.

Então criam duas bonecas com cara de Barbie.

A terapeuta constrói a dela com vestido verde e azul e João faz a dele com vestido rosa.

João comenta: vestido verde, ficou bonita!

T: É, eu adoro verde, hoje estou vestida de verde.

J: Nem tinha reparado tia Claudia. A minha está de rosa, eu gosto de rosa.

T: Está muito bonita a sua boneca, mas você já pensou se todo mundo gostasse só de rosa, ou só de verde?

J: É, tem gente que gosta, tem gente que não.

Depois faz um porta-retrato com as sucatas e diz que é um presente para a terapeuta.

T: Obrigada João, muito criativo o seu porta-retrato.

Assim, terapeuta e João continuaram o seu caminhar nesta relação. A terapeuta acompanhava cada cultivo e cada colheita de João, auxiliando-o a cada passo, a cada descoberta. Cada vez mais João, assim como a sua planta, crescia e crescia. Em cada atitude ia se assumindo e se revelando. A cada escolha, uma nova conquista, novas possibilidades. Passado o tempo, aproximadamente de um ano e meio, João chega ao consultório, enfim, com um novo desafio. Havia decidido, já em tempo, completado oito anos de idade, caminhar sozinho, sem o auxílio de sua terapeuta.

Neste dia sugere uma atividade artesanal.

J: Vamos brincar de artesanato?

T: Você gostaria de brincar de artesanato?

J: É, eu vou fazer uma coisa e você vai me copiando. Quero te ensinar a fazer uma coisa.

Enquanto fazem a dobradura de papel, conversam.

J: Tia Claudia, eu andei pensando, sabe eu gosto de vir aqui, mas acho que é cansativo para minha mãe me trazer aqui toda semana. Acho que eu não vou vir mais.

T: Você não quer vir mais porque é cansativo para a sua mãe.

J: Também, mas na verdade acho que eu não preciso mais da terapia.

T: E o que te faz acreditar que você não precisa mais da terapia?

J: Eu estou bem melhor.

T: De que forma você se sente melhor?

J: Está vendo (mostra a boca), eu não mordo mais a língua e a boca. Não sou mais nervoso como era antes. Agora já não tenho mais medo. Eu já me sinto bem.

T: Então você realmente já se sente bem.

J: É, agora se eu quiser voltar, eu posso?

T: Sim pode, mas eu espero que você não volte, prefiro que você não precise mais de mim, afinal não sei quem está mais cansado da cara do outro, se é você de mim, ou eu de você, afinal você toda semana aqui (a terapeuta dá um ar de brincadeira e de libertação à situação).

João rindo: É verdade.

Então João pergunta: gostou do gatinho que eu te ensinei?

T: Gostei muito. Ficaram lindos.

J: Vamos trocar.

T: Você quer trocar?

J: Quero.

T: Vamos colocar os dois para conversarem?

J: Vamos.

T (como gatinho): E então gatinho o que você gostaria de dizer antes de ir embora?

J: Que você me ajudou muito aqui e que eu vou sentir saudades, obrigado por tudo que você fez por mim.

T: Na verdade foi você quem fez por você, eu só te dei uma mãozinha.

João desenha uma mala e cola no seu gatinho.

J: Eu vou levar comigo nesta mala tudo de bom que eu fiz aqui com você e aqui (pega um papel e anota um número de telefone) é o telefone da casa da minha tia, se você quiser pode ligar para mim.

T: Ah, sim quando você quiser pode ligar para mim também para me contar sobre você, eu realmente vou querer saber notícias suas.

J: Pode deixar que eu vou te ligar. Eu trouxe também uma foto minha para você guardar de recordação, você pode botar se quiser naquele porta-retrato que eu fiz aqui e queria uma foto sua.

T: Você quer uma foto minha?

J: Quero.

T: Mas eu não tenho foto aqui.

J: Então você me manda pelo correio.

T: Está combinado.

Conforme combinado, três meses depois a terapeuta envia uma foto para João. Passado algum tempo, logo depois do último Natal, João liga e diz que está com saudades, mostra interesse e pergunta se pode ver a terapeuta. Então marcam um dia no consultório.

O encontro foi um sucesso, João mostrava-se muito bem em sua caminhada e não demonstrava nenhum desejo ou necessidade de voltar para terapia, contou que passou de ano na escola e falou das coisas novas que haviam acontecido. Vale ressaltar que, já há algum tempo, João não tomava mais medicação, pois com a sua melhora foi suspensa pelo próprio neuropediatra que o acompanhava.

Neste momento, cessa a vivência terapêutica, uma escolha do próprio agente deste processo, o cliente que, agora consciente das suas possibilidades, caminhará com os seus próprios pés como guia, o que nunca deixou de fazê-lo, porém agora assumindo a responsabilidade pela rédea do destino em suas próprias mãos. Inicia então o árduo caminho por vivenciar a sua própria verdade, antes velada pela coletividade, pelo anonimato, pela impessoalidade. O desvendamento do ser em si mesmo acontece como um processo com João, em sua singularidade, espacialidade e temporalidade, eis o objetivo da psicoterapia.⁴

“Produzir diante de si mesmo o mundo é para o homem projetar originariamente suas próprias possibilidades.”
Martin Heidegger

NOTAS

1. A publicação das sessões com João foi autorizada pela mãe do próprio, sob a condição de que os nomes e os dados de identificação citados durante a explanação fossem fictícios, para que possamos manter a idoneidade e sigilo do cliente, portanto, qualquer semelhança é mera coincidência.
2. Técnica da Violet Oaklander do livro *Descobrendo Crianças*.
3. do livro *Descobrendo Crianças*, de Violet Oaklander.
4. Agradecimentos especiais aos profissionais e amigos que contribuíram para o sucesso do tratamento de João, como Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo com as supervisões deste caso, e Dr. Jair Luiz de Moraes como neuropediatra de João, o responsável pela indicação e pelo tratamento medicamentoso. Agradecimento aos pais pelo comprometimento com as orientações, com o cumprimento das sessões e pela autorização da publicação. A João por ter possibilitado a oportunidade de atendê-lo e me permitir entrar em seu mundo, enriquecendo cada vez mais o meu aprendizado profissional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AXLINE, Virginia. *Ludoterapia*. Belo Horizonte: Interlivros, 1984.
- FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de. *Apostilas do curso de formação do IFEN*. Rio de Janeiro: 1996.
- FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de. *A psicologia fenomenológico-existencial*. Rio de Janeiro: Informativo USU do curso de psicologia, 1995.
- OAKLANDER, Violet. *Descobrendo crianças*. São Paulo: Summus, 1980.
- SATIR, Virginia. *Terapia do grupo familiar*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

Claudia Guimarães é Psicoterapeuta, faz psicodiagnóstico e orientação vocacional, é aluna do curso de Formação do IFEN e trabalha com violência doméstica na ABRÁPIA.

O IFEN - Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial oferece cursos à comunidade destinados a psicólogos, psiquiatras, filósofos e estudantes dessas áreas.

Procure maiores informações em nossa sede,
pelo telefone 254-4641.

Sua participação é muito importante no nosso trabalho.
Escreva sua opinião sobre o primeiro número de nossa revista,
e envie para

IFEN
Rua Conde de Bonfim, 99/603
CEP 20520-050 - Tijuca - RJ.

IFEN

